

# EQUIPAMENTO CULTURAL EM SAN LORENZO

CULTURAL FACILITY IN SAN LORENZO

DISSERTAÇÃO . MESTRADO INTEGRADO

UNIVERSIDADE DE ÉVORA . DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA  
FÁBIO ANDRÉ DA SILVA AZEVEDO . 21262

sob orientação da Prof. Paola Eugenia Falini  
e do Prof. João Gabriel Candeias Dias Soares



2011 . 2012



**EQUIPAMENTO CULTURAL EM SAN LORENZO**

CULTURAL FACILITY IN *SAN LORENZO*

DISSERTAÇÃO . MESTRADO INTEGRADO

UNIVERSIDADE DE ÉVORA . DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA  
FÁBIO ANDRÉ DA SILVA AZEVEDO . 21262

sob orientação da Prof. Paola Eugenia Falini  
e do Prof. João Gabriel Candeias Dias Soares

2011. 2012



## AGRADECIMENTOS

à Professora Paola Falini  
pelo acompanhamento à fase inicial de projecto, no âmbito da cadeira de  
*Laboratorio di Progettazione Urbanistica*  
e pela posterior orientação e conhecimento partilhado;

ao Professor João Soares  
pela orientação, disponibilidade e sentido crítico;

e aos meus pais pelo apoio incondicional.



## ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	007
ÍNDICE GERAL	011
ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES E DESENHOS	011
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>015 / 017</b>
CONTEXTUALIZAÇÃO, OBJECTIVOS E ESTRUTURA	015
ENQUADRAMENTO GERAL SOBRE A CIDADE	017
<b>INPUT . CASO PRÁTICO</b>	<b>019 / 077</b>
ESTUDO DO LUGAR	021 / 029
ORTOFOTOMAPA DE ROMA	021
ORTOFOTOMAPA DE ROMA . DELIMITAÇÃO DO QUARTIERE SAN LORENZO	023
SITUAÇÃO	024 . 025
DIMENSÃO SOCIAL E POLÍTICA	026 . 027
CONTEXTO ARQUITECTÓNICO	028 . 029
PLANTAS DE ANÁLISE	031 / 049
EVOLUÇÃO HISTÓRICA	032 / 035
PERMANÊNCIA URBANÍSTICA E ARQUITECTÓNICA	036 . 037
TIPOLOGIAS	038 . 039
MORFOLOGIA	040 . 041
CIRCULAÇÃO	042 . 043
EQUIPAMENTOS	044 . 045
RECURSOS	046 . 047
OBJECTIVOS	048 . 049
ABORDAGEM	051 / 053
IDENTIDADE E PROCESSOS DO LUGAR COMO PREMISSA	051
PERSPECTIVAS DE ABORDAGEM	052 . 053
PROJECTO	055 / 077
ORTOFOTOMAPA . ESTADO ACTUAL	055
PROPOSTA À ESCALA URBANA	057 / 059
CORTES . OPERAÇÕES PORPOSTAS À ESCALA URBANA	058
FOTOMONTAGEM SOBRE ORTOFOTOMAPA . OPERAÇÕES PORPOSTAS À ESCALA URBANA	059
EQUIPAMENTO CULTURAL	060 / 077
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO . EQUIPAMENTO CULTURAL	061
FOTOMONTAGEM . REQUALIFICAÇÃO DO PIAZZALE DEL VERANO	063
FOTOMONTAGENS SOBRE FOTOGRAFIA AÉREA . SISTEMAS DE INTEGRAÇÃO	065
FOTOMONTAGEM . EQUIPAMENTO CULTURAL	067
AXONOMETRIA EXPLODIDA . EQUIPAMENTO CULTURAL	068
PLANTA PISO 0 / PLANTA PISO 1 . EQUIPAMENTO CULTURAL	071
CORTES TRANSVERSAIS . EQUIPAMENTO CULTURAL	072 . 073
CORTES LONGITUDINAIS . EQUIPAMENTO CULTURAL	074 . 075
FOTOMONTAGENS . EQUIPAMENTO CULTURAL	077
<b>REACÇÃO . APROFUNDAMENTO TEÓRICO</b>	<b>079 / 097</b>
INTERVIR NA CIDADE	081
MULTIPLICIDADE E MULTIDISCIPLINARIDADE	082
ABSORÇÃO E REJEIÇÃO	083
ESCALA E DIMENSÃO DA ESTRUTURA AO PROGRAMA COMUNICAÇÃO E LINGUAGEM MATERIALIDADE COMO <i>INTERFACE</i> APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO A RELAÇÃO COM O TEMPO	084 085 / 087 088 . 089 090 . 091 092 . 093 094 . 095
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS AINDA SOBRE A CIDADE	097
FONTES	101

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES E DESENHOS

### INPUT . CASO PRÁTICO

FIG.01	ORTOFOTOMAPA DE ROMA	021
FIG.02	ORTOFOTOMAPA DE ROMA . DELIMITAÇÃO DO QUARTIERE SAN LORENZO	023
FIG.03	VISTA AÉREA DE SAN LORENZO . 1974	025
FIG.04	PIAZZA DELL'IMMACOLATA . SAN LORENZO	027
FIG.05	ROMA, CITTÀ APERTA . ROBERTO ROSSELLINI . 1945 ( <i>frame</i> )	027
FIG.06	CIDADE UNIVERSITÁRIA	029
FIG.07	MURALHA AURELIANA	029
FIG.08	PLANTA DE EVOLUÇÃO HISTÓRICA 01	032
FIG.09	PLANTA DE EVOLUÇÃO HISTÓRICA 02	034
FIG.10	PLANTA DE PERMANÊNCIA URBANÍSTICA E ARQUITECTÓNICA	036
FIG.11	PLANTA DE TIPOLOGIAS	038
FIG.12	PLANTA DE MORFOLOGIA	040
FIG.13	PLANTA DE CIRCULAÇÃO	042
FIG.14	PLANTA DE EQUIPAMENTOS	044
FIG.15	PLANTA DE RECURSOS	046
FIG.16	PLANTA DE OBJECTIVOS	048
FIG.17	ORTOFOTOMAPA . ESTADO ACTUAL	055
FIG.18	CORTES . OPERAÇÕES PORPOSTAS À ESCALA URBANA	058
FIG.19	FOTOMONTAGEM . OPERAÇÕES PROPOSTAS À ESCALA URBANA	059
FIG.20	PLANTA DE IMPLANTAÇÃO . EQUIPAMENTO CULTURAL	061
FIG.21	FOTOMONTAGEM . REQUALIFICAÇÃO DO PIAZZALE DEL VERANO	063
FIG.22	FOTOMONTAGENS SOBRE FOTOGRAFIA AÉREA . SISTEMAS DE INTEGRAÇÃO	065
FIG.23	FOTOMONTAGEM . EQUIPAMENTO CULTURAL	067
FIG.24	AXONOMETRIA EXPLODIDA . EQUIPAMENTO CULTURAL	068
FIG.25	PLANTA PISO 0 / PLANTA PISO 1 . EQUIPAMENTO CULTURAL	071
FIG.26	CORTES TRANSVERSAIS . EQUIPAMENTO CULTURAL	072 . 073
FIG.27	CORTES LONGITUDINAIS . EQUIPAMENTO CULTURAL	074 . 075
FIG.28	FOTOMONTAGEM . ACESSO AO PARQUE DE ESTACIONAMENTO SUBTERRÂNEO	077
FIG.29	FOTOMONTAGEM . FOYER	077
FIG.30	FOTOMONTAGEM . AUDITÓRIO	077

### REACÇÃO . APROFUNDAMENTO TEÓRICO

FIG.31	EXODUS, OR THE VOLUNTARY PRISONERS OF ARCHITECTURE . REM KOOLHAAS . 1972	084
FIG.32	BIBLIOTECA NACIONAL DE FRANÇA . PARIS . BERNARD TSCHUMI . 1989	087
FIG.33	METROPOLIS . FRITZ LANG . 1927 ( <i>frame</i> )	089
FIG.34	THE LIVING CITY . FRANK LLOYD WRIGHT . 1958	089
FIG.35	PELÍCULA SENSÍVEL AO TOQUE	091
FIG.36	INTERVENÇÃO DO GRUPO EPOS257 NA PRAÇA PALACKEHO . PRAGA . 2010	093
FIG.37	FOTOMONTAGEM . EQUIPAMENTO CULTURAL	095
FIG.38	NETROPOLIS . FOTOGRAFIA HÍBRIDA DE PARIS . MICHAEL NAJJAR . 2003/2006	097







## CONTEXTUALIZAÇÃO, OBJECTIVOS E ESTRUTURA

O documento que aqui se introduz tem a pretensão de sintetizar um processo de aprendizagem e maturação em torno de conceitos que – por consciência arquitectónica, intuição ou mesmo ingenuidade – foram, ao longo do mesmo, sendo considerados e, perante os quais, se formularam exercícios de compreensão e proposição.

Este é um processo naturalmente contínuo, mas, para melhor entender a mudança de contexto e influências perante a então amplificada sensibilidade de um aluno de arquitectura, compreenda-se o período que se inicia com a chegada à cidade de Roma, por via do Programa *Erasmus*.

A vontade de explorar o tema urbano e novas escalas de abordagem a um projecto, provavelmente já instigada por este novo contexto, leva-me a procurar um exercício académico que não só responda a estes princípios, mas que proponha igualmente um caso prático real, passível de ser integrado num trabalho de final de curso.

Assim, perante o conjunto de possibilidades disponível, o *Laboratorio di Progettazione Urbanistica*, leccionado pela professora Paola Falini, surge como a escolha lógica para dar continuidade a esse percurso – e o *quartiere di San Lorenzo* torna-se o “objecto” central de estudo para esta dissertação.

Por ser particular quanto às suas características morfológicas, históricas e sociais – à frente a desenvolver – o *quartiere di San Lorenzo* há muito que se apresenta como elemento de interesse para arquitectos, urbanistas e investigadores.

Os mais representativos exemplos são porventura o trabalho de investigação desenvolvido pelo professor arquitecto Marcello Pazzaglini, o Concurso Internacional para a Transformação e Renovação da Área de *San Lorenzo*, no ano de 2000, com um painel de juizes presidido pelo arquitecto Aldo Rossi, e a continua actividade académica desenvolvida em torno deste mesmo tema por parte do Departamento de Urbanismo da Faculdade de Arquitectura Ludovico Quaroni.

De resto, já no contexto específico do *Laboratorio*, e após uma primeira fase de recolha e análise de informação, foi possível perceber uma tendência clara na abordagem geral de todos os alunos (eventualmente já influenciada por referências de anos anteriores ou por diferentes objectivos específicos) que apontava para o desenho de uma nova área urbana, em áreas de expansão externas a *San Lorenzo*, em oposição a uma intervenção mais cirúrgica e no sentido da resolução dos problemas existentes no núcleo do *quartiere*.

Tal abordagem apresentava desafios extremamente interessantes do ponto de vista do desenho urbano e do desenvolvimento da cidade (e foi com atenção que acompanhei a evolução destes projectos), no entanto a minha opção recaiu sobre o aproveitamento do trabalho intensivo de investigação efectuado e consequente proposta de um plano de actuação que não só considerasse uma leitura global, à escala da cidade, mas que sobretudo respondesse à situação específica (local) do *quartiere San Lorenzo*.

Posteriormente, já depois do regresso a Portugal, o maior distanciamento temporal e intelectual permitiu efectuar, com maior clareza, uma segunda abordagem às questões levantadas por esta proposta – capítulo *INPUT . CASO PRÁTICO* – não apenas no sentido de as esclarecer do ponto de vista conceptual, mas sobretudo de as aprofundar à luz de referências na área do pensamento sobre a Cidade – capítulo *REAÇÃO . APROFUNDAMENTO TEÓRICO* – mantendo este documento a estrutura correspondente à ordem dos acontecimentos, ou seja, à verdade do processo.



## ENQUADRAMENTO GERAL

### SOBRE A CIDADE

"A cidade enquanto tal não existe. Existem diferentes formas de vida urbana." <sup>1</sup>

Fica, desde logo, clara a ideia de que, quando o objecto de estudo é a cidade, é intransponível a necessidade de aceitar a multiplicidade que a mesma implica. Se a cidade é, em si mesma, uma forma de vida urbana, então desde a sua origem que se manifestam diversidades e divergências. Um lugar pode ser habitado de diferentes formas, e isso traduz a base do que é a cidade.

Se tomarmos como exemplo o termo *Polis*, este representa o lugar onde determinada gente, específica quanto a tradições e costumes, tem a sua sede - onde reside, onde tem o seu próprio *Ethos*. Esta particularidade ontológica e genealógica não se aplica, porém, ao termo latino *Civitas*. A diferença é substancial, sendo que, neste se manifesta a sua proveniência do termo *Civis* - grupo de pessoas que se reúnem no mesmo lugar e que se submetem às mesmas leis para dar vida à cidade.

De facto, hoje, concebemos a cidade como lugar onde as pessoas confluem ao aceitarem e obedecerem a uma lei. Esta é uma lógica aparentemente fácil de aceitar, mas que na realidade sugere um conflito do ponto de vista das modalidades do habitar. A *Polis*, a cidade-lugar, o espaço para morar, não parece suportar a tensão da ideia de universalidade. Mantemos a necessidade de dimensão humana.

Mas que referencial tomamos como certo? O vínculo à estirpe ou à lei? Como se constrói uma comunidade se representamos uma série de diferentes interesses? Cada vez mais vemos a cidade como uma máquina. Cada vez mais damos prioridade à função e exigimos um instrumento que nos permita executar os nossos afazeres. À cidade, exigimos, então, multiplicidade.

De facto, na cidade moderna, as presenças chave são os lugares de produção e de troca. Tudo se organiza em torno destas presenças como factores capazes de atribuir simbolismo ao todo global da cidade.

A organização faz-se em função destes momentos, instituindo-se, assim, a urbanística. É a intervenção destes factores referenciais, de valor partilhado, que permite dar sentido a uma multiplicidade de outra forma dispersa. Estes corpos, ainda que rígidos ou fixos, servem de referência e permitem métricas que resolvem, ou podem resolver a totalidade do sistema.

O centro histórico, tão fundamental no contexto deste trabalho, surge com o desenvolvimento da cidade em função dos pontos de produção e de troca - dominantes e centrais. Presenças estruturantes do espaço, criadoras de escalas que permitem reconhecer a dialéctica centro-periferia.

A realidade, hoje, é, no entanto, particularmente distinta. O conceito de cidade-território impede este tipo de programação, tornando o espaço algo mais indefinido, homogéneo, com uma indiferente relação entre lugares ou mesmo uma cada vez mais difícil identificação destes. Os acontecimentos não correspondem a uma ideia de agregação e identidade singular.

Quanto aos centros históricos, o que acontece é que estes passam a ser não mais do que uma espécie de museus. Museus de uma memória com decadente validade criativa e produtiva.

Antes da emergência desta cidade-território, o espaço da metrópole apresentava-se regrado por uma hierarquia de edifícios - os tais corpos de referência que ritmavam a métrica do conjunto. O urbanismo contemporâneo nunca deixou de procurar as garantias que a linha desses corpos proporciona, racionalizando a utilização do espaço a partir desta base. As suas qualidades e propriedades específicas desempenham tarefas de importância reguladora, e neste ponto o novo conceito de espaço urbano não diverge. O que acontece é um extrapolar dos antigos limites, e um lançar do crescimento da cidade na linha das suas directrizes originais.

Tudo isto acaba por se traduzir num paradoxo, já que esta ideia de libertação dos limites e conseqüente crescimento, acaba contrariada com a incontornável magnetização aos corpos de referência que a geram. No fundo, este é um conflito criado pela insuperável exigência psicológica de presenças fortes, significativas e simbólicas.

Resposta a este impasse, e premissa para a proposta apresentada neste trabalho, é a possibilidade destes polos, destas actividades designadas como centrais, terem agora uma maior liberdade quanto à sua posição. No entanto, esta facilidade não deveria significar o sucumbir perante a pressão corporativa, do investimento produtivo, comercial e administrativo, que aponta no sentido do desrespeito pelos eixos tradicionais, e que despoja o território de qualquer sentido espacial - de qualquer noção de lugar.

Infelizmente, e por não ser contrariada, esta é já a realidade. O sentido é cada vez mais temporal. Na verdade, já não importa a que distância se encontra determinado ponto, mas o tempo que demoramos a atingi-lo.

O espaço tornou-se um obstáculo, não tanto uma oportunidade.

Como podemos então esperar que a cidade seja um conjunto de lugares? Como é que os lugares de riqueza simbólica podem representar um obstáculo?

Queremos atravessar a cidade num tempo impossível enquanto não admitimos que não seja quase impossívelmente bela.

Impõem-se novos edifícios que sejam, em si, lugares. Que reflectam o tempo. Que comuniquem movimento.

"Vivemos obcecados por imagens e mitos de velocidade e ubiquidade, mas os espaços que construímos insistem, obstinadamente, em definir, delimitar, demarcar. Precisamos de lugares onde habitar, mas estes não podem ser espaços fechados que contradigam o tempo do território no qual (...) vivemos." <sup>2</sup>

1 . CACCIARI, Massimo - *La città*. Villa Verucchio (RN): Pazzini Stampatore Editore, 2004.

2 . CACCIARI, M. - *La città*



## **INPUT . CASO PRÁTICO**

### ESTUDO DO LUGAR

ORTOFOTOMAPA DE ROMA

ORTOFOTOMAPA DE ROMA . DELIMITAÇÃO DO *QUARTIERE SAN LORENZO*

SITUAÇÃO

DIMENSÃO SOCIAL E POLÍTICA

CONTEXTO ARQUITECTÓNICO

### PLANTAS DE ANÁLISE

EVOLUÇÃO HISTÓRICA

PERMANÊNCIA URBANÍSTICA E ARQUITECTÓNICA

TIPOLOGIAS

MORFOLOGIA

CIRCULAÇÃO

EQUIPAMENTOS

RÉCURSOS

OBJECTIVOS

### ABORDAGEM

IDENTIDADE E PROCESSOS DO LUGAR COMO PREMISSA

PERSPECTIVAS DE ABORDAGEM

### PROJECTO

ORTOFOTOMAPA . ESTADO ACTUAL

PROPOSTA À ESCALA URBANA

CORTES . OPERAÇÕES PORPOSTAS À ESCALA URBANA

FOTOMONTAGEM SOBRE ORTOFOTOMAPA . OPERAÇÕES PORPOSTAS À ESCALA URBANA

EQUIPAMENTO CULTURAL

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO . EQUIPAMENTO CULTURAL

FOTOMONTAGEM . REQUALIFICAÇÃO DO *PIAZZALE DEL VERANO*

FOTOMONTAGENS SOBRE FOTOGRAFIA AÉREA . SISTEMAS DE INTEGRAÇÃO

FOTOMONTAGEM . EQUIPAMENTO CULTURAL

AXONOMETRIA EXPLODIDA . EQUIPAMENTO CULTURAL

PLANTA PISO 0 / PLANTA PISO 1 . EQUIPAMENTO CULTURAL

CORTES TRANSVERSAIS . EQUIPAMENTO CULTURAL

CORTES LONGITUDINAIS . EQUIPAMENTO CULTURAL

FOTOMONTAGENS . EQUIPAMENTO CULTURAL





FIG.01 (PÁG. 021) ORTOFOTOMAPA DE ROMA

FIG.02 (PÁG. 023) ORTOFOTOMAPA DE ROMA . DELIMITAÇÃO DO QUARTIERE SAN LORENZO



## ESTUDO DO LUGAR

### SITUAÇÃO

O *quartiere di San Lorenzo* em Roma encontra-se no quadrante Este da cidade, no limite do perímetro do centro histórico, do lado exterior à muralha aureliana – entre o lado Sudoeste da estação *Termini*, a basílica e cemitério del Verano e o complexo ferroviário que constitui o limite meridional.

Este *quartiere* (bairro) foi construído, na sua maioria, num intervalo de tempo entre 1878 e 1930. As últimas intervenções foram efectuadas depois da segunda guerra mundial sobretudo nas áreas mais bombardeadas, mas também em algumas áreas anexas, com um sentido complementar.

*San Lorenzo* nasce como um bairro de iniciativa privada, fora dos planos reguladores de 1973 e de 1883, destinado a classes populares, artesanato e pequenas indústrias e, por conseguinte, com um certo afastamento em relação ao resto da cidade. O plano de 1909 não se traduziu em mais do que incluir o existente, com os seus traços originais entretanto já consolidados, no perímetro urbano da cidade.

Sob um traçado tipicamente umbertino, tal como o não distante *quartiere Esquilino*, ou mesmo como o *quartiere Prati*, *San Lorenzo* sempre apresentou, ao contrário destes, um carácter degradado. Chegou mesmo a atingir, em determinadas fases da sua história, elevados níveis de insalubridade, correndo mesmo o risco de ser afectado por uma epidemia de cólera.

A 19 de Julho de 1943, o *quartiere* seria alvo do mais grave e dramático bombardeamento feito em Roma, da parte dos anglo-americanos, durante a segunda guerra mundial. Foram mais de 1600 mortes, muitas residências destruídas e tantas outras severamente danificadas. As marcas desta “herança do fascismo” (tal como se lê numa fachada destruída de um edifício) são ainda claramente visíveis nos dias de hoje.

Depois do segundo pós-guerra, o abandono e a decadência atingem então o seu ponto mais elevado.

Em 20 anos, de 1950 a 1970, a população de *San Lorenzo* diminuiu para quase metade (47%), e os últimos dados disponíveis à data da consulta, apontam para um número de 19.365 habitantes; sendo que 22% desta população é idosa, acima dos 60 anos de idade, em oposição a uma média de cerca de 13% nos outros bairros romanos. Um outro dado importante que deve ser considerado, relativamente à população deste bairro, é o número de estudantes a viver fora das suas casas familiares, que é de 14%.

A população é tradicionalmente operária (mais de 60%), mas na sua maioria com emprego fora do *quartiere*. A densidade populacional é ainda muito alta, cerca de 385 hab/ha comparativamente aos 284 hab/ha do centro histórico.

Relativamente a outros dados, o bairro apresenta uma superfície coberta de 43% (um índice muito elevado), enquanto as superfícies livre e de estradas se equivalem (28,5% cada uma); mas da superfície livre, 70% são constituídos por pátios / interiores de quarteirão.

As áreas destinadas a serviços são cerca de 5 ha, dos quais 1,8 ha são públicos (escolas, parque *Tiburtino*, e *Villa Mercede*). Sendo que para se adequar à legislação em vigor faltariam cerca de 34 ha.

Particularmente grave é o problema das áreas verdes e destinadas ao desporto. Dos 9 m<sup>2</sup>/hab previstos para *San Lorenzo*, apenas 0,92 m<sup>2</sup>/hab estão realmente disponíveis. São utilizadas algumas áreas privadas, como parte da *Villa Mercede* e a área da propriedade da associação *Cavalieri di Colombo*, no sentido de colmatar as necessidades e permitir que o valor chegue aos 2 m<sup>2</sup>/hab, restando ainda uma carência objectiva de 15 ha.

Quanto ao património edificado, há a sublinhar condições de habitabilidade manifestamente insuficientes na grande maioria dos fogos, existindo ainda alguns problemas ao nível da rede de esgotos que, em alguns pontos, é ainda muito antiga.

A propriedade residencial é bastante fraccionada, ainda que com predominância de proprietários com apenas um ou dois apartamentos (cerca de 60%) – proprietários pertencentes à classe popular, em alguns casos não residentes no próprio *quartiere*.



FIG.03 VISTA AÉREA DE SAN LORENZO . 1974

Entre os anos 1961 e 1974 as actividades de consumo e comerciais diminuíram cerca de 30%, o que se explica também pelo decréscimo populacional. Também as actividades de produção e artesanais, que chegaram a ser uma das características principais deste bairro, foram diminuindo, até chegar a valores bastante diminutos nos dias de hoje – tendo como exemplo mais evidente a situação de quem trabalhava o mármore, na produção de lápides e outras peças fúnebres para o cemitério *del Verano*.

A questão fundamental da qual é necessário partir quando se fala no *quartiere di San Lorenzo* é que esta é uma área privilegiada quanto aos tradicionais interesses especulativos. À sua volta encontram-se grandes áreas de serviços com interesse à escala da cidade e do território: desde a estação *Termini* ao complexo ferroviário; do Politécnico à Biblioteca Nacional; ou do *CNR* (conselho nacional de pesquisa) à Cidade Universitária. Um outro factor relevante é o facto de existir igualmente um importante acesso ao viaduto da *tangenziale sopraelevata* que liga as áreas residenciais, a Este e Sudeste da cidade, entre si. Mas este viaduto exerce ainda, de forma indirecta, a função de ligar estas áreas com as estações de metro existentes ao longo da *via Appia nuova* até à *Piazza Vittorio*. Toda a área de *San Lorenzo* é no fundo uma importante e estratégica charneira entre o centro histórico e respectivas actividades, com as novas áreas de expansão e centralização da cidade.

Este sistema de condições tem resultado num conjunto de transformações que leva sobretudo à expulsão das classes populares mais baixas aqui residentes para áreas mais periféricas, alterando então um tecido social de actividades e relações dificilmente reconstituível.

A primeira transformação deriva da pressão constante por parte das entidades responsáveis pela especulação imobiliária. Estas procedem a aquisições fraccionadas (às quais se segue o afastamento dos inquilinos) que resultam numa tendência de concentração quanto à propriedade dos imóveis. Estas agências, executam seguidamente uma série de trabalhos de restauro a custos controlados, voltando depois a colocar os apartamentos no mercado, direccionados a quem

trabalha nos serviços em torno do *quartiere*, cujo valor médio de vencimento é superior ao da classe popular anterior. Esta é, apesar de tudo, uma operação com grande inércia, mas que tem tido particular impacto na mutação desta área. Um segundo tipo de transformação é mais de carácter tendencial e diz respeito a um possível processo de terciarização privada similar aos que já se concretizaram em *Prati*, praça *Alessandria*, *viale della Regina*, *Esquilino* e *Porta Maggiore*. Ainda assim, este é um factor que, apesar de continuar em curso, não se prevê que atinja um nível de importância determinando a médio prazo, já que, para isso, seria necessário uma transformação mais profunda no edificado do *quartiere*, que o capital privado e as forças de especulação não apoiam a esse ponto. Um último factor a considerar no que diz respeito às alterações que têm vindo a decorrer nesta área, diz respeito à presença da Universidade, sendo que a mesma se traduz em duas consequências:

A primeira, é a já referida presença dos estudantes que procuram aqui alojamento. Este fenómeno é de certa forma contraditório, porque se de um lado permite o aumento das receitas dos pequenos e médios proprietários e impede assim o avanço do processo de terciarização, por outro traduz-se num aumento nos valores das rendas por apartamento, acentuando a alteração no tecido social; Uma segunda consequência da presença da Universidade prende-se com a progressiva aquisição de edifícios e infra-estruturas previstas para uso do *quartiere*, que passam então a servir exclusivamente as necessidades desta instituição académica. Esta é uma situação negativa, que tem vindo, no entanto, a ser reconsiderada, ao ponto de serem criadas medidas no sentido de a corrigir.

## DIMENSÃO SOCIAL E POLÍTICA

Para entender o papel político e social, de forma mais profunda, e além dos dados contingentes, é necessário recordar que este sempre foi, pela sua história e carácter operário e popular, sede dos maiores partidos de esquerda, e de formações menores que giravam em seu torno. Estas esperavam encontrar, no interior do próprio *quartiere*, um campo de agregação e experimentação política, ainda que muitas vezes fosse mais “fachada” do que realidade.

Dever-se-ia escrever, sobretudo, a História daquilo que significou o carácter popular e progressivo da própria população; uma história daquilo que contribuiu para a sua formação e consequente tradução em acções quotidianas.

Um carácter formado precisamente a partir da sobreposição de sucessivas ondas migratórias e, ainda assim, ligado aos interesses das classes mais marginalizadas e aqueles da classe operária (e suas organizações); um carácter formado pelo viver de degradação física e ambiental do *quartiere* e pelo sobreviver ao sofrimento do mais trágico bombardeamento em Roma na segunda guerra mundial.

Alguns dos raros testemunhos sobre o carácter de *San Lorenzo*, ou do seu bombardeamento, encontram-se na literatura, nas memórias políticas, ou mesmo no cinema – como no filme *Roma, città aperta* de Roberto Rossellini.

A história política e social deste bairro é sobretudo oral e encontra principal ponto de referência na sua profunda consciência antifascista e democrática. Recorde-se inclusive que *San Lorenzo* foi o último bairro romano a cair nas mãos dos fascistas em 1922, sendo sempre um ponto importante na resistência e libertação contra o regime de Mussolini.

Como já faz parte da consciência popular, durante décadas foi-se mantendo uma luta democrática, depois do fim da segunda guerra mundial, para alargar e afirmar a presença dos maiores partidos da classe operária; para manter a especificidade social e política do bairro numa Roma cada vez mais burocrática e terciária; para combater a indiferença em que o próprio *quartiere* foi deixado por parte de uma

administração incapaz de lidar com as exigências populares que no caso de *San Lorenzo* significavam: política de serviços, requalificação arquitectónica, apoio às actividades produtivas, etc.

É necessário entender que a exigência de requalificação é, neste *quartiere*, um sentimento difuso com diversos momentos sociais e políticos. Estes foram sendo expressos, sobretudo, na luta democrática pela defesa do *quartiere* na tentativa de impedir o agravamento do processo de expulsão dos habitantes, de conseguir os serviços necessários, de impor um confronto democrático com quem lançava interesses especulativos, de impor o próprio problema de requalificação como uma questão cidadina.

O sentimento difuso quanto a esta necessidade de requalificação nasce e encontra expressão, não só na acção das forças políticas, mas igualmente na presença de um tecido produtivo e de momentos e agregação social que encontram raízes na própria história do *quartiere*, sobretudo relativamente às pequenas e médias actividades artesanais e produtivas. Estas actividades tiveram também a sua influência sobre a própria tipologia construtiva.

Para compreender ainda um outro aspecto da dimensão social de *San Lorenzo* não é possível não assinalar alguns traços do carácter dos seus habitantes que surge exactamente da sua tradição popular e que incide nas suas relações humanas de forma directa – facto que deve também ser tido em conta aquando de uma acção de reabilitação.

Este carácter popular exprime-se, sobretudo, através de uma atitude positiva e tolerante em relação a qualquer pessoa ou entidade, ainda que eventualmente divergente, que de uma forma ou outra entre em contacto com o *quartiere*. *San Lorenzo* é, de facto, uma zona urbana que sempre recebeu diferentes grupos sociais à procura de alojamento de baixo custo e que recebeu, nestes últimos anos, maioritariamente, estudantes que frequentam a vizinha universidade.

Em relação a estes, a posição é de disponibilidade mas também de alguma apreensão, já que não deixa de ser um corpo estranho, que se altera rapidamente, e sobre o qual incidem condições dramáticas, carência de serviços e de um programa de assistência académica.



A população de *San Lorenzo* tende a excluir a violência, a indiferença e a arrogância, dando preferência ao diálogo, à partilha e à frontalidade. Esta capacidade de diálogo e encontro tem a sua raiz na solidariedade, que as antigas classes populares souberam criar para fazer face à carência de serviços, à dificuldade ambiental e degradação habitacional.

Foi esta capacidade de diálogo e encontro que sempre influenciou quem frequenta e vive, por qualquer período de tempo, este bairro; que restringiu, quase sempre até ao limite do confronto, a acção de vários grupos extremistas presentes no *quartiere*, essencialmente interessados na possibilidade de acção sobre os estudantes e a própria universidade; que tornou possível absorver a presença endémica de uma delinquência de natureza parasitária.

Perante este conjunto de factores, subsiste a necessidade prioritária de requalificação e manutenção de um legado e história urbana marcantes.

Neste sentido, uma das particularidade de *San Lorenzo*, é também aquela de se oferecer a um campo de experimentação assistencial, pedagógica e mesmo arquitectónica.

FIG.04 FOTOGRAFIA POR SIMONE ARTIBANI . PIAZZA DELL'IMMACOLATA . SAN LORENZO

FIG.05 ROMA, CITTÀ APERTA DE ROBERTO ROSSELLINI, 1945

## CONTEXTO ARQUITECTÓNICO

*San Lorenzo* pode definir-se como um *quartiere* “sem qualidade”, no entanto é de sublinhar a presença, em seu redor, de inúmeras obras de interesse arquitectónico e histórico.

A Oeste, o limite é dado pela histórica Muralha *Aureliana* e a este pela proeminente estação *Termini*.

A primeira, que faz de limite visual a todas as estradas no sentido Este-Oeste do *quartiere*, apresenta-se, em si mesma, como um verdadeiro sistema. Construída entre 270 e 275 d.C. pelo imperador *Aureliano*, ocupando na parte Este da cidade os terrenos correspondentes aos antigos jardins imperiais, a muralha apresenta-se perante o *quartiere* com as suas características torres quadradas e com a estrutura da *Porta Tiburtina*, construída no ano 5 a.C. para suportar os aquedutos de *acqua Marcia Tepula* e *Lulia*, depois incorporados na própria muralha.

Como contraponto a esta pré-existência histórica está o lado Este da estação *Termini* – faz parte do projecto de *A. Mazoni* para toda a estação, terminado em 1943 – que constitui um segundo limite a este *quartiere*. Os reservatórios cilíndricos com escada helicoidal pelo exterior, são hoje o limite visual da nova *via Tiburtina*. As rampas junto à *via di Porta San Lorenzo* e, sobretudo, o volume suspenso sobre os grandes pilares cilíndricos, que constitui a zona de descarga de mercadorias junto à *via Marsala*, são os traços de maior preeminência do projecto sobre *San Lorenzo*.

A Oeste do *quartiere* encontra-se o sistema constituído pela basílica de *San Lorenzo fuori le mura* e pelo cemitério *del Verano*, que se apresenta como um conjunto compacto e circundado por muros que partem da própria basílica e da entrada monumental, junto ao *piazzale San Lorenzo* e ao *piazzale del Verano*. Esta pré-existência histórica, que pela sua implantação define de forma clara um dos limites físicos desta área, é também importante para o sistema de vistas do bairro, particularmente a partir *via Tiburtina*.

A basílica de *San Lorenzo* (séc. IV-VII) sempre teve, como destino de peregrinação, uma relação directa com a cidade intramuros através da *via Tiburtina*, chegando até à antiga *Porta Esquilina* na muralha republicana, onde foi construída uma outra basílica – a de *S. Maria Maggiore*.

A estreita relação entre a basílica e a cidade foi acentuada pelo primeiro núcleo do cemitério monumental de *Verano*, projectado por *Valadier* entre 1811 e 1813, no período napoleónico, durante o qual foram projectadas e realizadas outras grandes infra-estruturas de serviços na cidade.

O complexo *del Verano* foi então sucessivamente ampliado, começando em 1870 pelas intervenções de *V. Vespignati*, responsável pela realização da entrada monumental, até ao ponto de saturação atingido depois da segunda guerra mundial.

Como em toda a área envolvente, durante o bombardeamento de 19 de Julho de 1943, a basílica e o cemitério foram gravemente danificados e posteriormente restaurados.

A Norte do *quartiere* encontram-se grandes serviços como o *Policlinico*, a cidade universitária, o *CNR*, e ainda edifícios militares como a *caserma Romagnoli*.

O *Policlinico* foi projectado por *G. Podesti* no ano de 1894, depois de ter realizado vários estudos e propostas na procura pela solução final. Na proposta de 1881, apresentada depois no congresso médico internacional de 1894, a sequência de pavilhões junto à *via del Policlinico* estava já definida, bem como a estrutura de percursos aéreos. Já os pavilhões do lado do *viale della Regina* são dispostos de forma radial ao longo de um percurso semicircular. A solução final, que acabou por ser construída entre os anos de 1898 e 1902, aparece simplificada, eliminando mesmo esta disposição semicircular, supostamente pela necessidade de construir o complexo num maior número de fases.

O projecto da cidade universitária, inaugurada em 1935, teve a participação de grandes nomes da arquitectura italiana como: *Piacentini*, *Foschini*, *Pagano*, *Ponti*, *Rapisardi*, *Capponi*, *Michelucci*, *Aschieri*, *Minnucci* e *Montuori* – sendo que a sua implantação, definida por um eixo de simetria, é desenhada por *Piacentini* numa lógica racionalista e funcionalista. De referir que esta é uma cidade universitária também confinada por muros, não interligada com a restante cidade, no contexto de um espírito de controlo que leva a circunscrever o espaço onde os estudantes manifestavam as suas naturais inquietações e revoltas.

A universidade apresenta-se hoje como um sistema de marcas reconhecíveis, e com inequívoca dimensão monumental, mas programaticamente fechada e de certa forma “muda” – conseguindo ainda assim suportar uma população estudantil já incomensurável relativamente à capacidade original.

Ainda com particular interesse, numa perspectiva de análise a esta área da cidade, encontra-se o edifício militar denominado *caserma Romagnoli*, projectado por *Roberto Marino* e concluído em 1938. Este está posicionado entre a *via Frentani* e *via Gobetti*, sobre a qual terminam as ruas da parte Norte do *quartiere*: *via dei Dauni*, *via dei Taurini*, e *via di Porta Tiburtina*.



FIG.06 CIDADE UNIVERSITÁRIA

FIG.07 MURALHA AURELIANA



**PLANTAS DE ANÁLISE**

EVOLUÇÃO HISTÓRICA  
PERMANÊNCIA URBANÍSTICA E ARQUITECTÓNICA  
TIPOLOGIAS  
MORFOLOGIA  
CIRCULAÇÃO  
EQUIPAMENTOS  
RECURSOS  
OBJECTIVOS



FIG.08 EVOLUÇÃO HISTÓRICA . QUARTIERE SAN LORENZO

ÉPOCA ROMANA

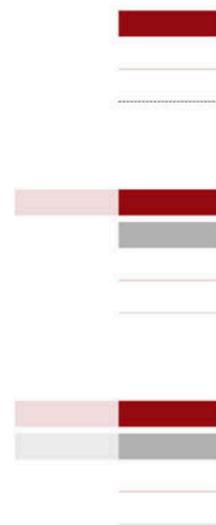
EDIFÍCIOS E OBRAS DE ÉPOCA ROMANA  
REDE VIÁRIA  
AQUEDUTOS

DA ÉPOCA ROMANA ATÉ 1870

NOVAS ÁREAS DE OCUPAÇÃO / NOVOS EDIFÍCIOS  
PREEXISTÊNCIAS  
NOVA REDE VIÁRIA  
PREEXISTÊNCIAS VIÁRIAS

DE 1870 A 1931

NOVAS ÁREAS DE OCUPAÇÃO / NOVOS EDIFÍCIOS  
PREEXISTÊNCIAS  
NOVA REDE VIÁRIA  
PREEXISTÊNCIAS VIÁRIAS



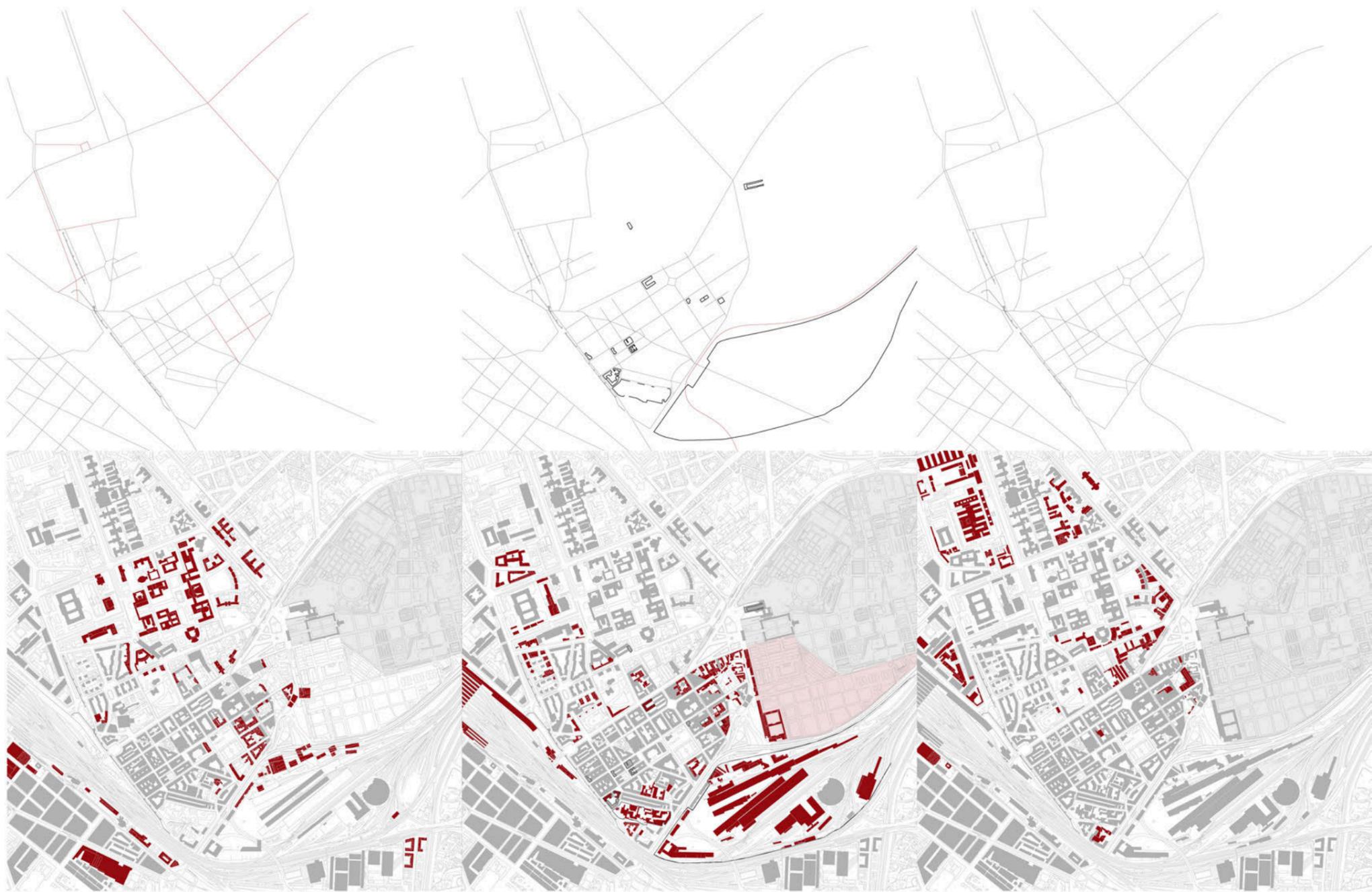


FIG.09 EVOLUÇÃO HISTÓRICA . QUARTIERE SAN LORENZO

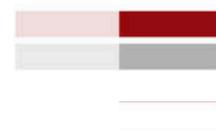
DE 1931 A 1943

NOVAS ÁREAS DE OCUPAÇÃO / NOVOS EDIFÍCIOS

PREEXISTÊNCIAS

NOVA REDE VIÁRIA

PREEXISTÊNCIAS VIÁRIAS



DE 1943 A 1962

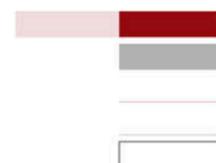
NOVAS ÁREAS DE OCUPAÇÃO / NOVOS EDIFÍCIOS

PREEXISTÊNCIAS

NOVA REDE VIÁRIA

PREEXISTÊNCIAS VIÁRIAS

ÁREAS BOMBARDEADAS



DE 1962 A 2011

NOVAS ÁREAS DE OCUPAÇÃO / NOVOS EDIFÍCIOS

PREEXISTÊNCIAS

NOVA REDE VIÁRIA

PREEXISTÊNCIAS VIÁRIAS

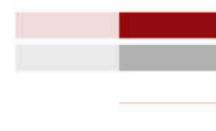




FIG.10 PERMANÊNCIA URBANÍSTICA E ARQUITECTÓNICA . QUARTIERE SAN LORENZO

PERMANÊNCIA ARQUEOLÓGICA

MURALHA

PORTAS ROMANAS



PERMANÊNCIA DE TRAÇADOS

TRAÇADOS ANTERIORES AO P.R.G. DE 1909

TRAÇADOS DO P.R.G. DE 1909



PERMANÊNCIA ARQUITECTÓNICA *POST UNITARIA*

EDIFÍCIOS DE HABITAÇÃO . *BANCA TIBURTINA*

EDIFÍCIOS DE HABITAÇÃO . 1886

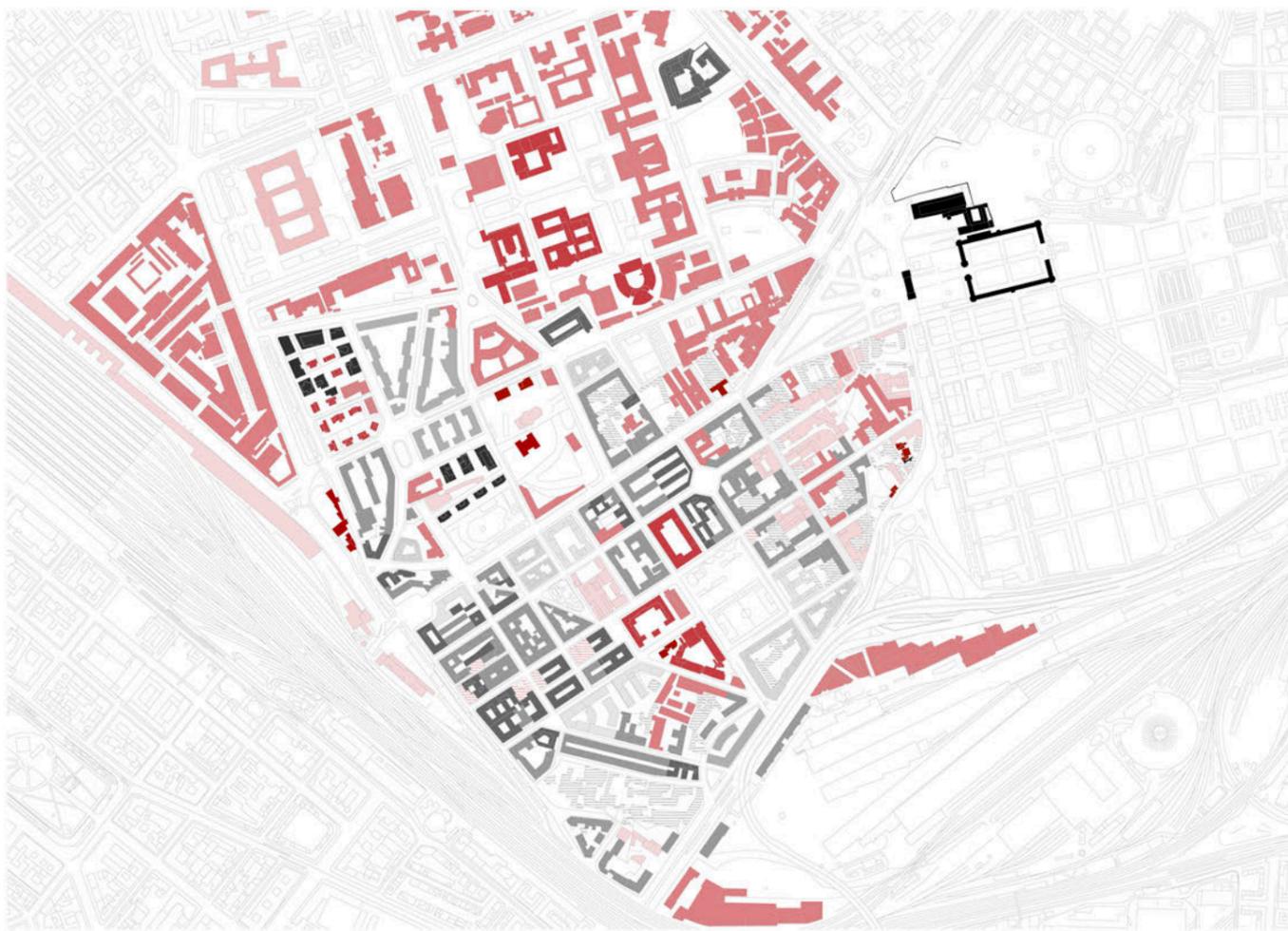
EDIFÍCIOS DE HABITAÇÃO . ANOS 20

EDIFÍCIOS DE COOPERATIVAS

EDIFÍCIOS DE SERVIÇOS DO *QUARTIERE*

ÁREAS BOMBARDEADOS





N  
0 100 400M

FIG.11 TIPOLOGIAS . QUARTIERE SAN LORENZO

TIPOLOGIAS RESIDENCIAIS

- EDIFÍCIOS INDIVIDUAIS SIMPLES
- EDIFÍCIOS COM GALERIAS EXTERIORES
- EDIFÍCIOS DE AGREGAÇÃO LINEAR
- EDIFÍCIOS DE AGREGAÇÃO EM TORNO DE UM PÁTIO
- EDIFÍCIOS DE AGREGAÇÃO EM BLOCO FECHADO
- EDIFÍCIOS DE AGREGAÇÃO EM BLOCO ABERTO
- VIVENDAS
- EDIFÍCIOS DE TIPOLOGIA NÃO RECONHECÍVEL
- EDIFÍCIOS BOMBARDEADOS

TIPOLOGIAS ESPECIAIS DE IMPLANTAÇÃO SINGULAR

- EDIFÍCIOS DE AGREGAÇÃO LINEAR
- EDIFÍCIOS DE AGREGAÇÃO EM TORNO DE UM PÁTIO

TIPOLOGIAS ESPECIAIS INSERIDAS NUM COMPLEXO

- EDIFÍCIOS DE AGREGAÇÃO LINEAR
- EDIFÍCIOS DE AGREGAÇÃO EM TORNO DE UM PÁTIO

TIPOLOGIAS ESPECIAIS SINGULARES

- BASÍLICA E CEMITÉRIO





FIG.12 MORFOLOGIA . QUARTIERE SAN LORENZO

## MORFOLOGIA DE IMPLANTAÇÕES URBANAS

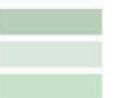
### COMPONENTES ESTRUTURANTES

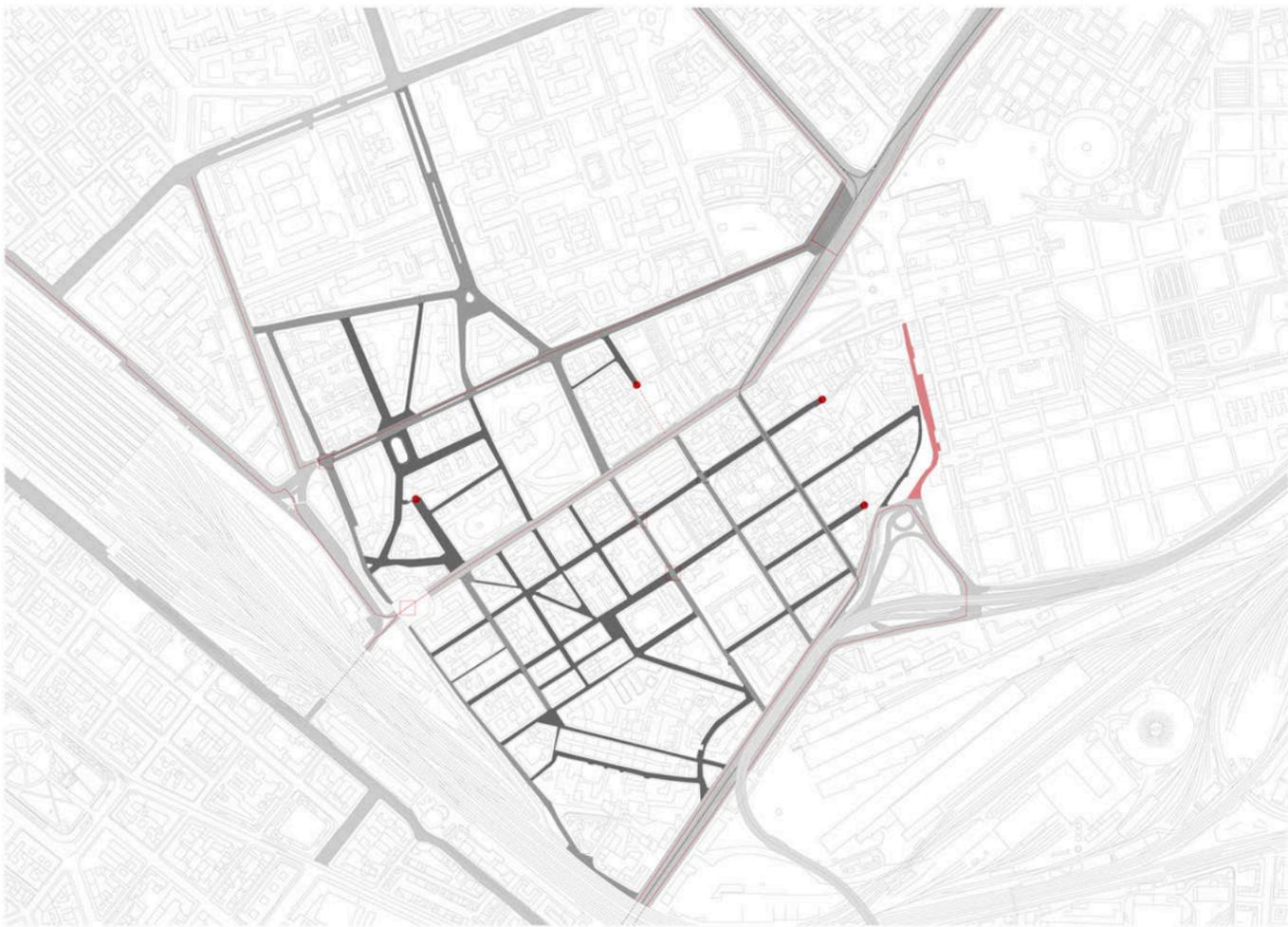
- IMPLANTAÇÃO DE ESTRUTURA REGULAR
- IMPLANTAÇÃO DE ESTRUTURA REGULAR SEM PROJECTO UNITÁRIO
- EDIFÍCIOS BOMBARDEADOS NÃO RECONSTRUÍDOS
- IMPLANTAÇÃO SEM DESENHO URBANO FORMADOS POR SATURAÇÃO DE ESPAÇOS LIVRES
- ÁREA OCUPADA POR CONSTRUÇÕES IMPRÓPRIAS REALIZADAS PELOS OCUPANTES

### EIXOS ESTRUTURANTES

### ESPAÇOS VERDES

- PARQUES E JARDINS DELIMITADOS PELO EDIFICADO E COM PAPEL ESTRUTURANTE (SIMBOLICO E FUNCIONAL) À ESCALA DO *QUARTIERE*
- ESPAÇOS EQUIPADOS PARA ACTIVIDADE DESPORTIVA AO AR LIVRE
- JARDINS PRIVADOS DE VALOR MORFOLÓGICO RELEVANTE PARA DEFINIÇÃO DE ÁREAS URBANA





N  
0 100 400M

FIG.13 CIRCULAÇÃO . QUARTIERE SAN LORENZO

CIRCULAÇÃO VIÁRIA

VIA DE CIRCULAÇÃO PRIMÁRIA

VIA DE CIRCULAÇÃO SECUNDÁRIA

VIA DE PENETRAÇÃO NO *QUARTIERE*

VIA DE DISTRIBUIÇÃO LOCAL

PASSAGEM SUBTERRÂNEA

VIA DE ACESSO PRIVADO

VIAS INTERROMPIDAS

VIAS SEM SAÍDA

CIRCULAÇÃO DE TRANSPORTES PÚBLICOS SOBRE CARRIS

LINHA DE CIRCULAÇÃO DE ELÉCTRICOS

CIRCULAÇÃO DE TRANSPORTES PÚBLICOS SOBRE RODAS

LINHA DE CIRCULAÇÃO DE AUTOCARROS

ELEMENTOS DE CARÁCTER CRÍTICO

INTERSECÇÕES DE CARÁCTER CRÍTICO

INTERSECÇÕES PASSÍVEIS DE OBSTRUÇÃO



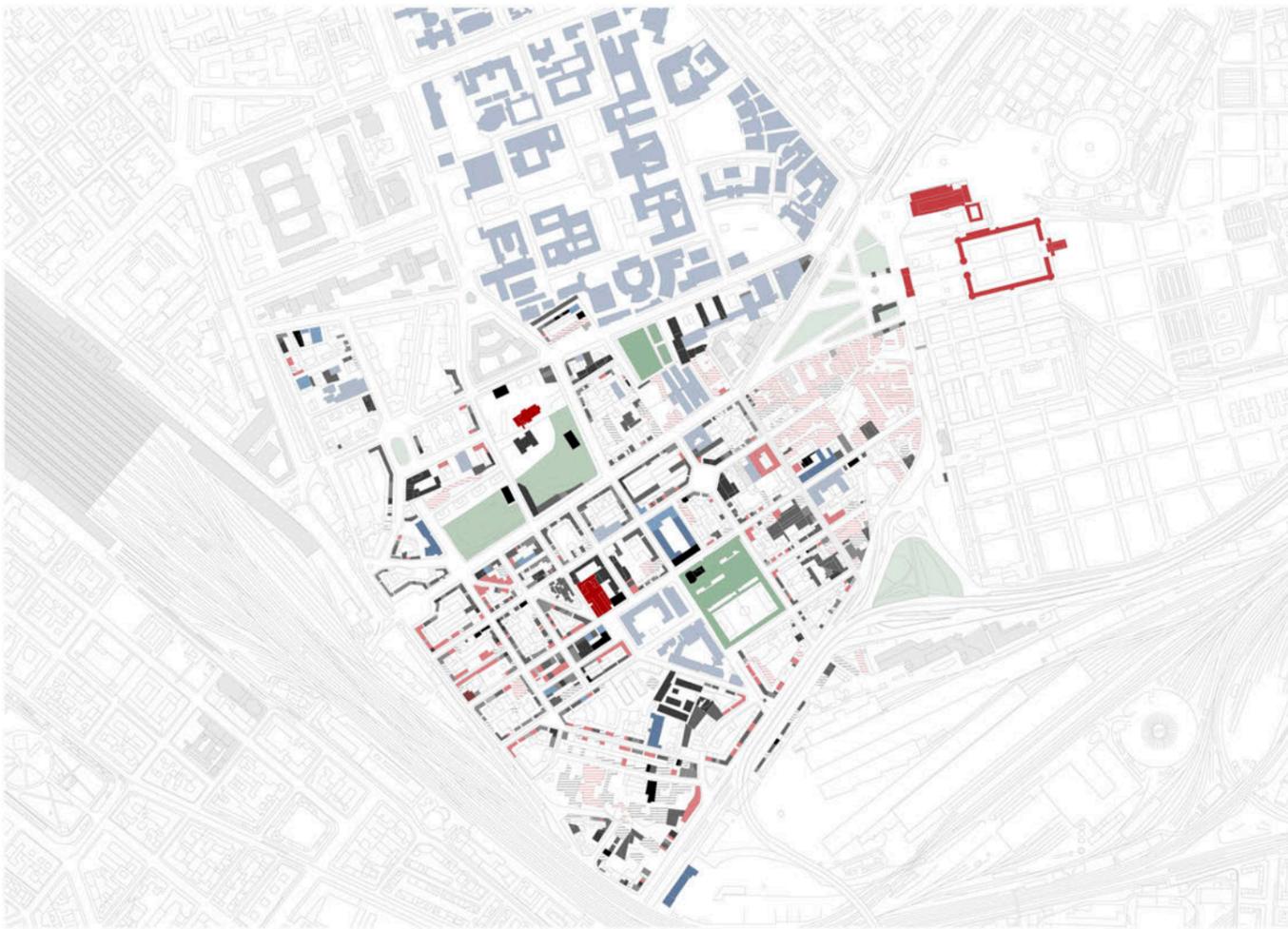


FIG.14 EQUIPAMENTOS . QUARTIERE SAN LORENZO

## EQUIPAMENTOS DE RELEVÂNCIA À ESCALA URBANA

## EQUIPAMENTOS PARA A EDUCAÇÃO

LICEO

UNIVERSIDADE

INSTITUTO TÉCNICO

## EQUIPAMENTOS RELIGIOSOS

## ACTIVIDADES SECTORIAIS

CNR

MINISTÉRIOS, EMBAIXADAS

ORDEM PÚBLICA E SEGURANÇA

EQUIPAMENTO MILITAR

ESTAÇÃO *TERMINI*, COMPLEXO FERROVIÁRIO

## EQUIPAMENTOS DE RELEVÂNCIA LOCAL

## EQUIPAMENTOS PARA A EDUCAÇÃO

MATERNA

ELEMENTARE

MEDIA

## EQUIPAMENTOS PARA A SAÚDE

FARMÁCIA

LABORATÓRIO MÉDICO

ASL

VETERINÁRIO

## EQUIPAMENTOS CULTURAIS

BIBLIOTECA

CINEMA

TEATRO

ASSOCIAÇÃO CULTURAL

GALERIA DE ARTE

## EQUIPAMENTOS RELIGIOSOS

IGREJA

CAPELA

## EQUIPAMENTOS DE LAZER

## EQUIPAMENTOS DESPORTIVO

## ESPAÇOS VERDES EQUIPADOS

## ESPAÇOS VERDES NÃO EQUIPADOS

## ACTIVIDADES DIRECCIONAIS DE SERVIÇO LOCAL (CORREIOS, ESCRITÓRIOS, BANCOS)

## ACTIVIDADES PRODUTIVAS

COMÉRCIO

RESTAURAÇÃO

RESTAURAÇÃO ÉTNICA

ARTESANATO DE SERVIÇO

ARTESANATO DE PRODUÇÃO

ARMAZENAGEM

ÁREAS LIVRES

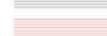




FIG.15 RECURSOS . QUARTIERE SAN LORENZO

## SISTEMA HISTÓRICO / MONUMENTAL

MURALHA *AURELIANA*  
 ÁREAS VERDES ADJACENTES À MURALHA  
 RUÍNAS DE ÉPOCA ROMANA  
 CEMITÉRIO *DEL VERANO*  
 EDIFÍCIOS DE INTERESSE HISTÓRICO E ARQUITECTÓNICO NO CONTEXTO DO *QUARTIERE*

## SISTEMA FUNCIONAL

FRENTE COMERCAL  
 MERCADO

## SISTEMA DE ACESSIBILIDADE

*TANGENZIALE SOPRAELEVATA*  
 PORTA ROMANA . PENETRAÇÃO NO LIMITE DEFINIDO PELA MURALHA

## SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES E VERDES

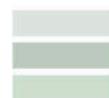
PARQUES E JARDINS DE ACESSO PRIVADO  
 PARQUES E JARDINS DE ACESSO PÚBLICO  
 ÁREAS EQUIPADAS PARA A PRÁTICA DE DESPORTO

## SISTEMA DE EDIFICAÇÃO

TECIDO URBANO COM CARÁCTER IDENTITÁRIO  
 EDIFÍCIOS COM VALOR ENQUANTO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

## SISTEMA MORFOLÓGICO

PRAÇAS OU LARGOS CONFORMADOS E COM CARÁCTER IDENTITÁRIO





N  
0 100 400M

FIG.16 OBJECTIVOS . QUARTIERE SAN LORENZO

**SISTEMA ECOLÓGICO / AMBIENTAL**

OBJECTIVOS: VALORIZAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS E PAISAGÍSTICOS

VALORIZAÇÃO DE PARQUES E JARDINS PÚBLICOS EXISTENTES  
CRIAÇÃO DE NOVOS PARQUES PÚBLICOS**SISTEMA HISTÓRICO / MONUMENTAL**

OBJECTIVOS: VALORIZAÇÃO DAS PRÉ-EXISTÊNCIAS HISTÓRICAS E MONUMENTAIS

CONSERVAÇÃO E VALORIZAÇÃO DA MURALHA AURELIANA  
PRESERVAÇÃO E VALORIZAÇÃO DE EDIFICAÇÕES DE RELEVÂNCIA  
PRESERVAÇÃO E VALORIZAÇÃO DE PATRIMÓNIO INDUSTRIAL**SISTEMA MORFOLÓGICO**

OBJECTIVOS: PRESERVAÇÃO DO CARÁCTER MORFOLÓGICO DOS TECIDOS URBANO E DOS ESPAÇOS ABERTOS

VALORIZAÇÃO DE PRAÇAS COM ELEVADO NÍVEL DE IDENTIDADE  
REDESENHO DE NÓS DE ACESSO VIÁRIO  
VALORIZAÇÃO DO SISTEMA DE VISTAS**SISTEMA DE EDIFICAÇÃO**

OBJECTIVOS: VALORIZAÇÃO DA QUALIDADE ARQUITECTÓNICA E URBANÍSTICA

CONSERVAÇÃO E VALORIZAÇÃO DOS EDIFÍCIOS COM QUALIDADE TIPOLÓGICA  
CONSERVAÇÃO E VALORIZAÇÃO DOS EDIFÍCIOS COM FALTA DE QUALIDADE ARQUITECTÓNICA  
DEMOLIÇÃO E ALTERAÇÃO DE USO  
REABILITAÇÃO DE EDIFÍCIOS DEGRADADOS  
REABILITAÇÃO DE EDIFÍCIOS BOMBARDEADOS**SISTEMA FUNCIONAL E DE ACESSIBILIDADE**

OBJECTIVOS: DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DAS ACTIVIDADES ECONÓMICAS . EFICIENCIA E FUNCIONALIDADE DOS SISTEMAS URBANOS

PRESERVAÇÃO E VALORIZAÇÃO DAS FRENTES COMERCIAIS  
REABILITAÇÃO DOS EIXOS VIÁRIOS EXISTENTES  
NOVO TRAÇADO SUBTERRÂNEO DA VIA TIBURTINA



## ABORDAGEM

### IDENTIDADE E PROCESSOS DO LUGAR COMO PREMISSA

A identidade de *San Lorenzo* é uma identidade em movimento que mantém uma forte ligação com o seu passado coeso e antagonista, mas que evolui na direcção de uma mais rica articulação e diversificação dos perfis sociais em si reconhecidos.

Aqui, a riqueza das diferenças tem um significado especial que dificilmente se encontra em outros bairros romanos: o sentido de uma presença de múltiplas figuras sociais, dinâmica e equilibrada, com base na tolerância à diversidade e forte ligação ao *quartiere*.

De facto, hoje, *San Lorenzo* já não é apenas o bairro dos operários e artesãos, ainda que a sua presença se mantenha relevante; não é um bairro que pertença unicamente aos seus residentes, por mais forte que seja a sua ligação; não é o bairro da universidade, mesmo recebendo estudantes e actividades culturais; não é a expressão dos novos criativos, ainda que seja invadido por artistas e intelectuais; nem se pode dizer que o seu carácter seja somente atribuído pelos seus vivazes frequentadores da noite. *San Lorenzo* é, na verdade, o resultado da soma de todas estas presenças que, por enriquecerem o seu carácter identitário, devem então ser valorizadas.

Com o seu exemplo se percebe que é possível atingir uma coexistência equilibrada entre a grande variedade de perfis sociais que o habitam e o usam, podendo cada uma destas figuras contribuir para um projecto de evolução na direcção de uma maior integração com a cidade. A intenção passa, em primeira instância, por evitar exactamente a direcção oposta: a direcção de um isolamento e de uma redução das articulações em favor de uma identidade dominante que comprima todas as outras. Um *quartiere* exclusivamente residencial, universitário, de artistas e criativos, ou de divertimento e lazer nocturno seria um cenário sem a riqueza de diferenças que hoje o qualifica – no sentido em que lhe confere qualidade.

Na perspectiva de uma intervenção, o conceito de qualidade é então extensível a tudo aquilo que estabeleça uma relação directa entre projecto e formas de existência – que reconheça a razoabilidade e legitimidade das alterações e distorções ao sentido do território histórico, induzidas pela mudança dos estilos de vida e das novas paisagens económicas e sociais. Qualidade como algo que atribui valor às dinâmicas do variável, substituindo progressivamente o tema do *projecto como forma* pelo *projecto como figura mutável*, como mecanismo de geração de um resultado.

Assim, passando da forma do projecto às formas do processo, a qualidade pode tornar-se essencial aos interesses contrastantes que movem ou travam o fluxo de mudança ou, por outras palavras, o modo em que as sociedades locais representam o seu percurso de desenvolvimento sustentável no espaço físico da cidade e do território.

O projecto urbano pode então ser concebido como instrumento de interpretação dos processos sociais, económicos e de recomposição dos conflitos com base em objectivos de qualidade partilhada.

## PERSPECTIVAS DE ABORDAGEM

Ainda antes de se partir para a introdução de um qualquer projecto, convém entender e ter conta as diferentes variáveis e, por conseguinte, as diferentes possibilidades e perspectivas de abordagem.

Propor um caminho de actuação específico é tão mais arriscado quanto menos se tentar prever os seus resultados, sejam estes benéficos ou maliciosos. Naturalmente que a previsibilidade é limitada e que, em última instância, o arquitecto ou urbanista apenas indica uma direcção a seguir. Ainda assim, deve esta escolha, esta direcção, ser medida e ponderada com recurso às disciplinas possíveis, e perante as movimentações já em curso.

No caso de *San Lorenzo*, um primeiro cenário possível é aquele de uma “aldeia” contida. Um *quartiere* que, como pretendiam alguns administradores locais e muitos dos seus habitantes, se preocupa sobretudo em defender a sua identidade; que se defende de tudo o que vem do seu exterior como algo que coloca inexoravelmente em causa a sua qualidade de vida. Um cenário com força suficiente para catalisar uma variedade de interpretações da parte de quem vive quotidianamente dentro deste *quartiere* e se sente ameaçado pelo futuro. Desta perspectiva, *San Lorenzo* confirmaria a sua condição de recinto fechado, numa parte de cidade também ela constituída por outras áreas circunscritas e fechadas, como de resto já se enunciou anteriormente. Assim, a cidade universitária, o cemitério *del Verano* e o complexo ferroviário tocam-se sem que sejam criadas relações recíprocas, dando forma a uma área pública que funciona por adição de partes auto-referenciais. Não tendo sido programadas, as relações que se possam vir a desenvolver criam, potencialmente, problemas, tensões e conflitos. De facto, numa perspectiva de futuro, existem reais divergências a gerir no que diz respeito às estratégias de intervenção dos diversos autores da transformação. Continua-se a trabalhar por “ilhas”, tendo cada um o poder e a capacidade de controlar o interior do seu espaço.

Neste cenário, o factor de interesse parece ser o de tornar as entidades locais mais preponderantes para o processo, sobretudo porque partem de uma visão interna sobre os interesses futuros do *quartiere*; e ainda porque se aponta para um melhoramento das condições de vida que, com uma acção directa, se pode atingir mais rapidamente, ultrapassando-se a necessidade de acordos e burocracias que apenas atrasariam esta actuação.

Os riscos estão sobretudo ligados à dificuldade de enfrentar a pressão de mudança que parte da cidade e chega determinadamente ao núcleo central do bairro, sabendo-se que os processos do mercado agem a uma escala bem mais ampla.

O problema maior desta perspectiva é, então, que não seja capaz de se assumir, e ceda perante as forças exteriores de transformação.

Uma segunda perspectiva, no seguimento desta lógica, é a de grandes obras – transformações que partem do exterior através de grandes projectos desenvolvidos em torno do *quartiere* e que com a sua força o arrastam consigo, criando pressões de mudança difíceis de controlar ou contrariar localmente. A nova estação *Tiburtina*, a reestruturação da estação *Termini*, a reconversão do complexo ferroviário, e o desmantelamento do viaduto denominado *tangenziale sopraelevata* criam um campo de interferência cuja reverberação atinge inevitavelmente o *quartiere di San Lorenzo*. As entidades com importância fundamental para este cenário são maioritariamente institucionais: o *Comune di Roma*, a RFI (*Rete Ferroviaria Italiana*), a FS (*Ferrovie dello Stato*), e a universidade. Um conjunto de fortes entidades públicas, às quais se juntam algumas locais, com interesse em defenderem-se dos efeitos de investimento que funcionam a uma outra escala.

O cenário que aqui se explana oferece notáveis oportunidades. Resolvendo o problema da viabilidade urbana, podem-se finalmente enfrentar também as condições de degradação criadas pela presença da sopraelevata e igualmente os problemas, já tão reclamados, de “enclausuramento” do *quartiere*.

A transformação das condições gerais das áreas circundantes levaria certamente à melhoria da acessibilidade a *San Lorenzo*. Nesta nova perspectiva as grandes áreas circundantes penetram o bairro e de certa forma sujeitam-no às suas próprias lógicas, tornando-o espaço complementar dos grandes centros atractivos metropolitanos.

Os riscos encontram-se sobretudo ligados às dinâmicas do mercado imobiliário e da eminente gentrificação, sendo fácil de entender o entusiasmo provocado pelas transformações a médio prazo (10-15 anos necessários até serem tangíveis as novas mais valias desta área). A especulação é contudo bastante sensível, agindo de forma antecipada, já atenta às hipóteses de mudança e, mais ainda, às certezas de que estas existirão de facto. De resto, é este o momento em que se movimentam os investidores, podendo já perceber-se que o mercado imobiliário de *San Lorenzo* vai reagindo ao debate sobre as políticas de desenvolvimento para o futuro com uma notória inflação nos preços das habitações.

Posto isto, parece evidente que a abordagem projectual deva partir de uma terceira hipótese – uma que tenha em conta as perspectivas anteriores, mas que seja sobretudo marcada por uma integração progressiva na cidade. Uma abordagem que parta de regras, modos e tempos que permitam não perder o próprio carácter identitário, mas sim que seja reinterpretado à luz das novas condicionantes. Neste sentido, deverão promover-se uma série de acções urbanísticas e arquitectónicas, e ser igualmente aplicados projectos integrados de desenvolvimento local com base em alavancas económicas e de investimento social.

O projecto urbano torna-se mais complexo e requer competências além das normalmente atribuídas a arquitectos e urbanistas, permanecendo, contudo, o instrumento mais capaz de atribuir coerência ao conjunto de intervenções integradas.

Mas onde é que importa intervir prioritariamente? Os cenários anteriores forçavam respectivamente uma lógica de transformação totalmente interna ou totalmente externa. Aqui, por outro lado, procura-se fazer interagir o exterior e o interior

porque dialogam entre eles e isso traz consigo potenciais mais-valias. Os espaços de fronteira, os “muros” que delimitam este lugar, tornam-se espaços preferenciais de intervenção – tornam-se espaços de charneira.

É agindo exactamente sobre os limites, sobre os interstícios destas duas realidades, que se torna possível uma integração de *San Lorenzo* com a cidade.

Ainda numa leitura pré-projecto, e analisando questões administrativas e institucionais, é evidente a necessidade de criar uma rede de cooperação eficaz entre as diferentes entidades no sentido de coordenar localmente as várias políticas – sejam estas económicas, sociais, urbanísticas, construtivas, ou ambientais. Uma rede de parecerias entre entidades públicas e privadas que não seja a expressão de uma hierarquia definida, com uma entidade que dite às restantes a sua visão de mudança; mas uma rede solidária, capaz de dividir as responsabilidades da sua acção, e que envolva todos aqueles que partilham da mesma perspectiva.

Pretende-se a criação de uma rede de entidades e interesses que procurem cooperar positivamente, por uma transformação prudente e sustentável de *San Lorenzo*, ainda que se tenha consciência de que esta é uma hipótese difícil já que requer uma substancial revisão nas relações entre estes diferentes elementos; entre as entidades económicas, institucionais, de governo urbano, e a sociedade local.





FIG.17 ORTOFOTOMAPA . QUARTIERE SAN LORENZO . ESTADO ACTUAL



## PROJECTO

### PROPOSTA À ESCALA URBANA

O próximo conjunto de elementos representa a proposta para o *quartiere San Lorenzo* e materializa, sob a forma de projecto, uma resposta às premissas já enumeradas.

Segue-se uma lógica de aproximação do global para o local e, dada a natureza das circunstâncias, o raciocínio inicial considera uma abrangência respectiva à escala da cidade.

Desde logo, a principal intenção é a de libertar a ligação entre a cidade central consolidada e o bairro periférico, criando condições para que, naturalmente, surja um canal ou fluxo de circulação de pessoas entre o centro histórico de Roma e uma nova centralidade em *San Lorenzo*.

Assim, seria possível promover uma re-insuflação de “vida” neste *quartiere* e, além da sua própria requalificação, o mesmo tornar-se-ia um importante elemento de charneira relativamente à segunda linha de periferia – em constante expansão e cada vez mais afastada (não apenas fisicamente) do núcleo da cidade.

No entanto esta intenção de desbloqueio encontra alguns obstáculos que, de resto, se entendem como o motivo original para a necessidade de repensar a estratégia urbana para esta área.

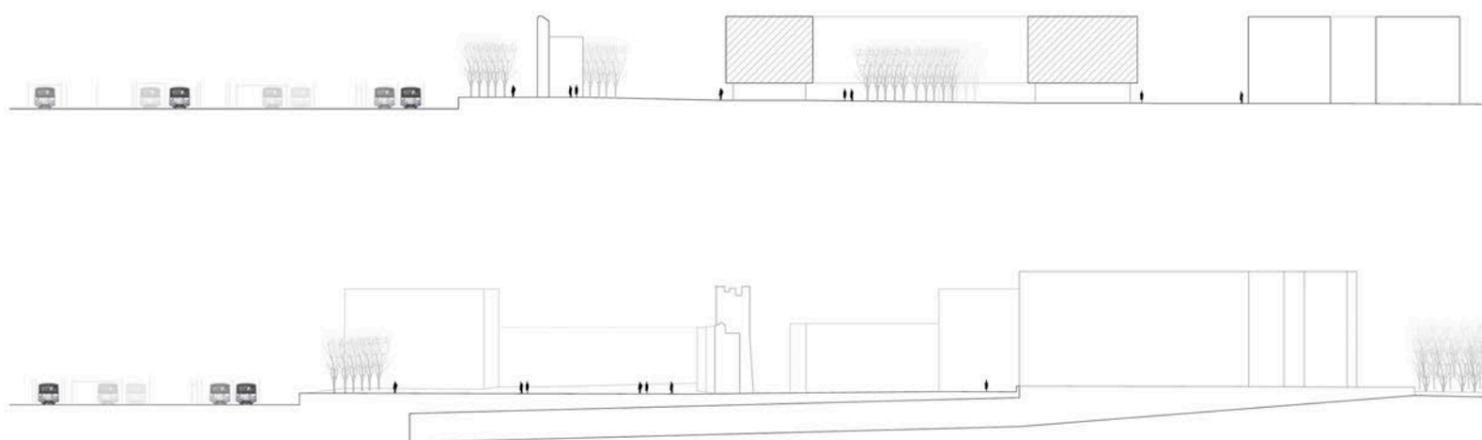
Numa leitura mais sintética, comparativamente com o subcapítulo ANÁLISE DO LUGAR, *San Lorenzo* é um *quartiere* com um baixo nível de atractividade para a generalidade das pessoas, não apenas pelo seu grau de degradação, níveis de segurança ou frequência nocturna, mas sobretudo pela sua circunscrição morfológica. Os seus limites físicos, em vez de funcionarem como espaços de articulação, cortam quase hermeticamente as relações com o exterior – sendo o exemplo mais grave o da presença do terminal ferroviário (estação *Termini*) e das respectivas linhas de acesso que, paralelamente à Muralha *Aureliana*, forçam o corte na ligação entre o centro da cidade e a respectiva frente de bairro.

O plano de actuação passa, então, por corrigir ou contrapor estes mesmos obstáculos através um conjunto de operações, em alguns pontos de continuidade (requalificação e valorização do existente), mas fundamentalmente de ruptura, onde se considera necessária uma abordagem com um sentido crítico e de mudança.

Se a lógica de melhoria se aplica aos espaços existentes com valor arquitectónico ou social, maioritariamente situados na área central do bairro (para as quais se propõe intervenções de carácter superficial como repavimentação, limitação do acesso automóvel ou manutenção de espaços verdes existentes); já a actuação mais invasiva incide sobre os limites do mesmo e procura facilitar os movimentos de transição.

Em resposta directa ao obstáculo enunciado como de maior relevância, correspondente à zona de ligação entre o centro da cidade e o *quartiere San Lorenzo*, propõe-se um primeiro conjunto de operações que compreende: o rebaixamento da cota das linhas ferroviárias e conseqüente diminuição do seu impacto visual; a requalificação da área de protecção da muralha e frente de bairro com a demolição de alguns edifícios pertencentes ao complexo da estação *Termini* (de manutenção não fundamental) e a criação de um novo parque verde; e o desvio da *via Tiburtina* através de uma nova passagem subterrânea que permite a libertação do solo à superfície para circulação pedonal.

Quanto à zona de transição do *quartiere* para o exterior da cidade, as acções a efectuar não são tanto as de desbloqueio, mas sim as de articulação. Factor este que, associado à ainda não atendida necessidade de novos conteúdos com capacidade de gerar interesse e provocar o pretendido fluxo, sugere a criação de uma nova estrutura fertilizante – de um novo equipamento cultural.



OPERAÇÕES PROPOSTAS À ESCALA URBANA

rebaixamento da cota das linhas ferroviárias . requalificação da área de muralha e frente de bairro com a criação de uma nova área verde	01
criação de uma nova área pedonal . desvio da <i>Via Tiburtina</i> através de passagem subterrânea	02
requalificação da área da <i>piazza dell'Immacolata</i> e zonas pedonais adjacentes	03
demolição de edifícios degradados e criação de novos edifícios de habitação colectiva	04
requalificação e criação de áreas verdes e desportivas	05
criação de um novo parque de estacionamento subterrâneo	06
demolição de edifícios degradados e criação de novas áreas de lazer e cultivo	07
criação de um novo espaço para eventos culturais	08
requalificação do <i>piazzale del Verano</i>	09

FIG.18  
CORTE TRANSVERSAL AOS EDIFÍCIOS DE HABITAÇÃO COLECTIVA PROPOSTOS  
CORTE LONGITUDINAL AO TÚNEL PROPOSTO SOB LINHAS FERROVIÁRIAS . VIA *TIBURTINA*



FIG.19 FOTOMONTAGEM SOBRE ORTOFOTOMAPA . OPERAÇÕES PROPOSTAS À ESCALA URBANA

## EQUIPAMENTO CULTURAL

O complexo cultural proposto compreende um programa extensivo, em resposta às necessidades específicas já identificadas, do qual fazem parte: uma infra-estrutura que permite a realização de diferentes espectáculos e eventos culturais (com capacidade para receber aproximadamente duas mil pessoas); um parque de estacionamento subterrâneo (e um novo acesso ao viaduto *Tangenziale*); um parque verde com áreas de lazer e estufas para cultivo de flores; e uma praça que, além de articular o complexo cultural com o complexo religioso (*Basilica di San Lorenzo fuori le mura* e *Cimitero Monumentale del Verano*) e Cidade Universitária, permite ainda acolher um mercado não permanente (para venda de flores) ou qualquer outro evento cultural exterior.

Não se pretende que este equipamento constitua uma mera adição de diferentes espaços e valências, mas que funcione como um todo – através de sistemas de integração e interacção – e seja, em si mesmo, não apenas um lugar mas uma **máquina de despoletar processos.**



FIG.20 PLANTA DE IMPLANTAÇÃO . EQUIPAMENTO CULTURAL

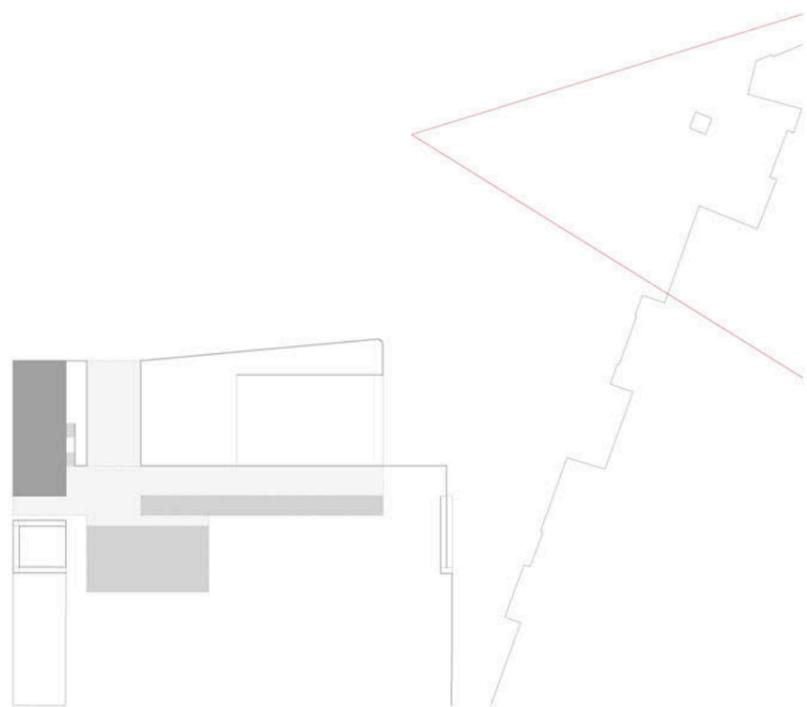




FIG.21 FOTOMONTAGEM . REQUALIFICAÇÃO DO PIAZZALE DEL VERANO

A ideia de máquina que provoca processos e estimula reacções é no fundo o sustentáculo para a regeneração urbana de *San Lorenzo*, mas o seu funcionamento é dependente da criação de sistemas auxiliares de interacção/comunicação que mantenham um sentido de ligação e fluidez quanto ao binómio pessoa-lugar.

Estes sistemas funcionam segundo uma lógica de conjunto mas, para efeitos de estruturação, podem ser subdivididos quanto à sua natureza: um primeiro sistema, de abrangência local, definido por uma ideia de sustentabilidade (biológica) e apoiado em mecanismos *low-tech*; e um segundo, de abrangência global, definido por uma ideia de interactividade (cultural) e apoiado em mecanismos *high-tech*.

O primeiro sistema reutiliza um outro, actualmente quase extinto mas outrora significativo, em que artesãos locais esculpem o mármore para produzirem as lápides depois colocadas no cemitério.

Com o desaparecimento desta classe operária do local, considera-se benéfica a demolição da zona das suas antigas oficinas, bastante degradada e sem qualquer consolidação urbana, mas propõe-se a utilização de uma lógica semelhante – o cultivo de flores numa nova estrutura criada para o efeito (estufas), a sua venda directa ou através de bancas instaladas na praça, e posterior colocação junto às campas, enfeitando-as, num gesto de respeito e homenagem a quem já partiu. A mesma estrutura permite ainda, além do contacto com a Natureza num meio fundamentalmente urbano, o desenvolvimento de actividades pedagógicas e a promoção da ideia de sustentabilidade, sendo possível a um habitante de *San Lorenzo* arrendar aqui um espaço para efectuar a sua própria produção agrícola de pequena escala.

O segundo sistema utiliza as diversas estruturas do complexo cultural como suporte para *interfaces* de comunicação.

As estufas tornam-se móveis – deslocando-se sobre calhas para permitir a mutabilidade do espaço existente e flexibilidade no seu uso para os diferentes eventos a realizar – e adquirem propriedades comunicativas já que, além de se iluminarem em diferentes cores, o seu material é sensível ao toque e permite uma interactividade directa por parte do utilizador. (ver págs. 090 e 091)

O volume do auditório principal é igualmente concebido com a intenção de permitir que sejam efectuadas projecções multimédia sobre o mesmo, tornando-o um meio privilegiado de comunicação e promoção dos eventos culturais a decorrer.

Este sistema interactivo permite ainda múltiplas formas de activação, sendo que o modelo de funcionamento base passa pela utilização das projecções num período antecedente ao evento a realizar, e a activação da totalidade dos mecanismos a partir do momento em que o mesmo se inicia, transmitindo assim uma mensagem clara para a cidade.

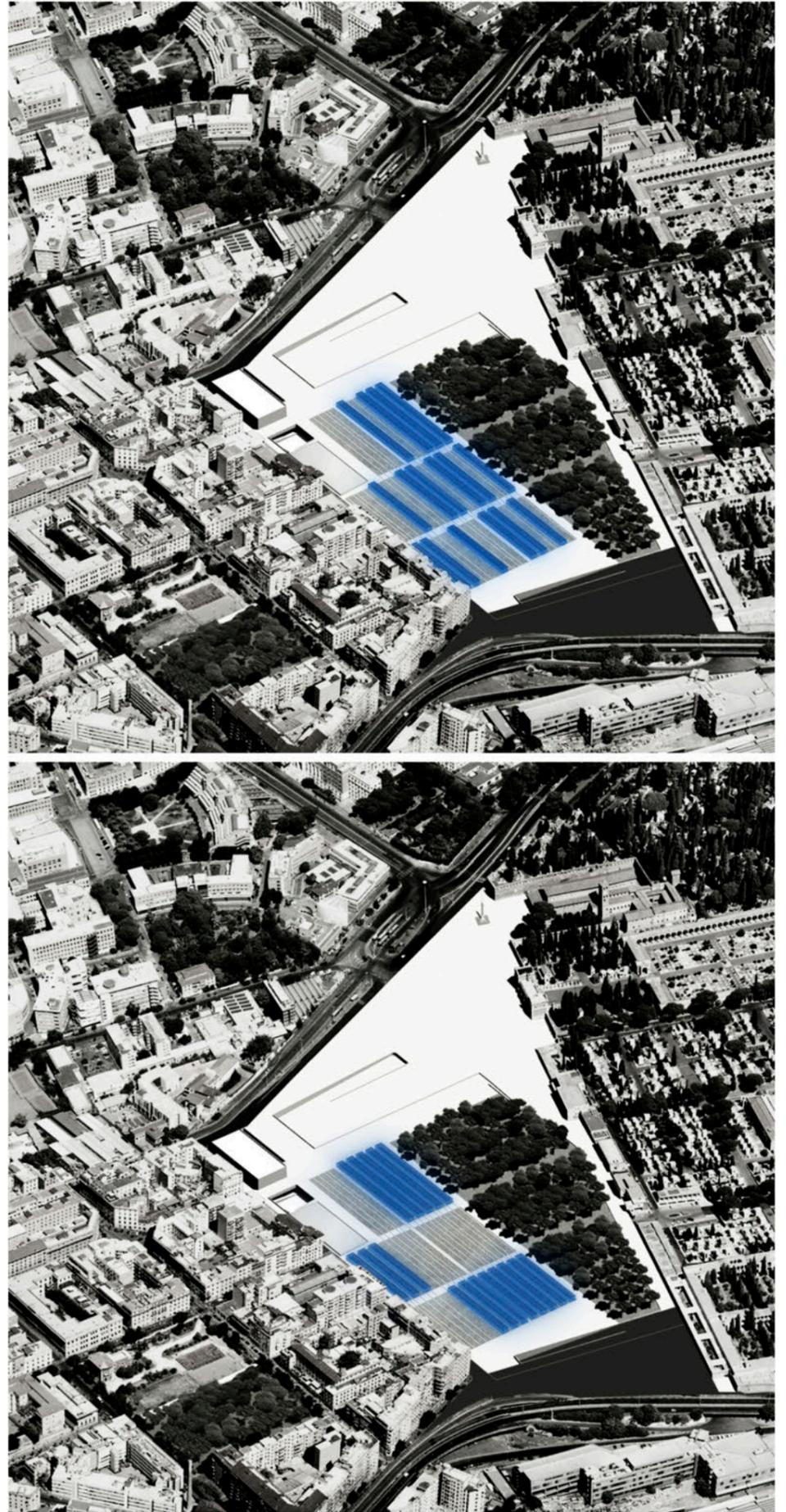
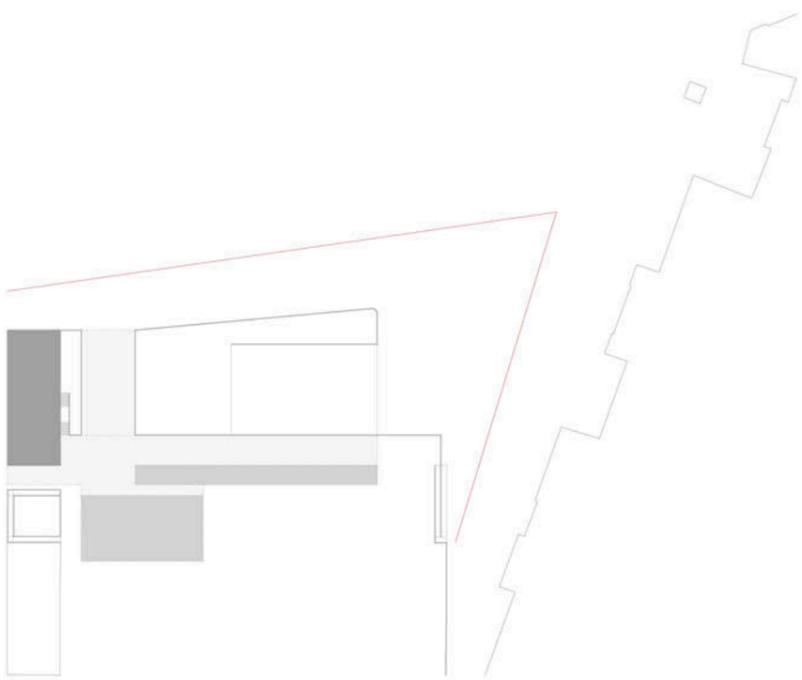


FIG.22 FOTOMONTAGENS SOBRE FOTOGRAFIA AÉREA EM PERSPECTIVA ISOMÉTRICA . SISTEMAS DE INTEGRAÇÃO



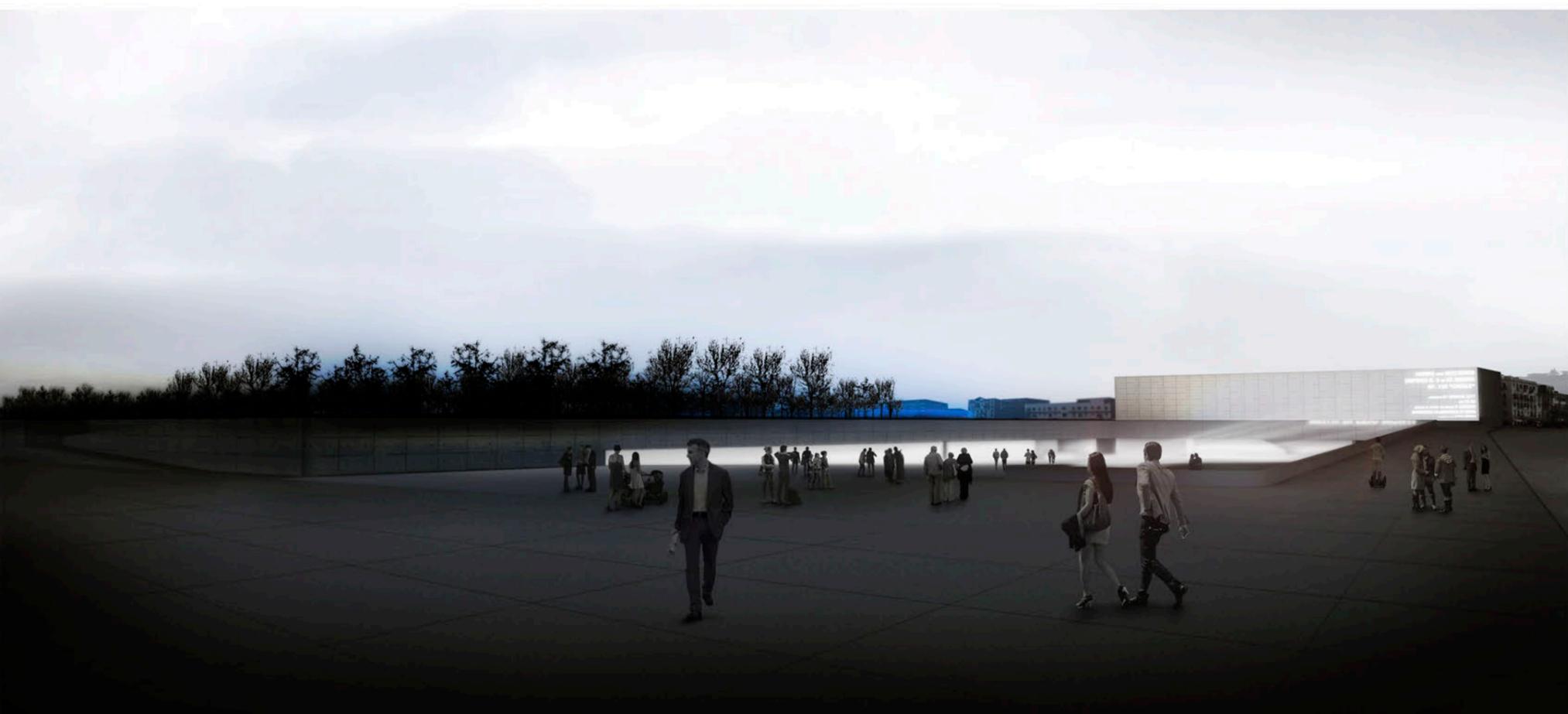
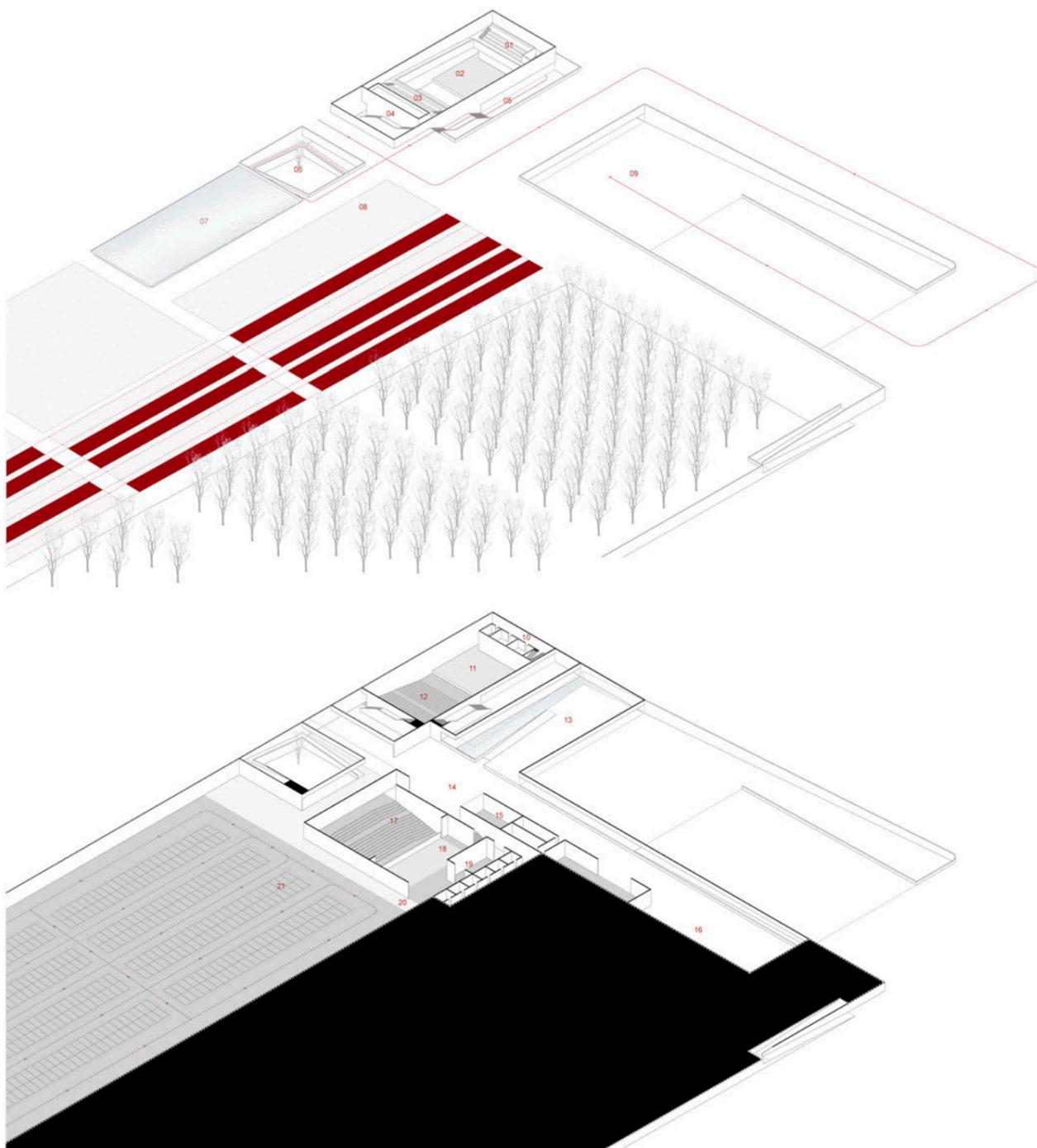


FIG.23 FOTOMONTAGEM . EQUIPAMENTO CULTURAL



0 20 50M

FIG.24 AXONOMETRIA EXPLODIDA . EQUIPAMENTO CULTURAL

CORO	01
PALCO	02
BALCÃO (96 LUGARES)	03
FOYER . ACESSO PLATEIA	04
PÁTIO DE ACESSO . ESTACIONAMENTO	05
PÁTIO DE ACESSO . PALCO E BACKSTAGE	06
PLANO DE ÁGUA / TANQUE DE REGA	07
PARQUE . ESTUFAS	08
ADRO DE ENTRADA	09
BACKSTAGE	10
PALCO	11
PLATEIA (660 LUGARES)	12
ENTRADA . BILHETEIRAS / ZONA FILTRO	13
FOYER	14
BENGALIEIRO	15
RESTAURANTE . CAFETARIA . LIVRARIA	16
PLATEIA (590 LUGARES)	17
PALCO	18
BACKSTAGE	19
PLATAFORMA . CARGAS E DESCARGAS	20
ESTACIONAMENTO	21

Quem percorre a pé as ruas de *San Lorenzo*, em direcção ao equipamento cultural, chega à cota superior e é recebido pela área de parque verde e estufas – onde ao fundo, sobre as árvores que protegem visualmente o cemitério, se avista o sistema montanhoso que circunda a cidade de Roma.

Ainda que à cota desta plataforma não exista qualquer relação directa com o interior do edifício, a ligação visual com a zona inferior permite entender a continuação do percurso até à praça, a partir da qual se efectua o processo de entrada.

Já no interior, um primeiro espaço de bilheteiras e controlo de entradas antecede o foyer principal que, por sua vez, faz a distribuição entre os dois auditórios (de características diferentes para conferir polivalência ao conjunto), a área de serviços (bengaleiro, instalações sanitárias, área de restauração e livraria), e espaço de exposições temporárias.

Prevê-se igualmente a possibilidade, dependendo da particularidade do evento a decorrer, de entrar directamente a partir do parque de estacionamento subterrâneo – sem que seja necessário subir à plataforma superior através do pátio de acesso – já que as tecnologias actuais facilitam a autonomia na compra de ingressos e controlo de entradas.

Os acessos às zonas de palco, subpalco e *backstage*, para entrada de artistas ou carga e descarga de equipamento, efectuem-se a partir do pátio lateral ao auditório principal e das passagens técnicas localizadas na área de estacionamento subterrâneo.

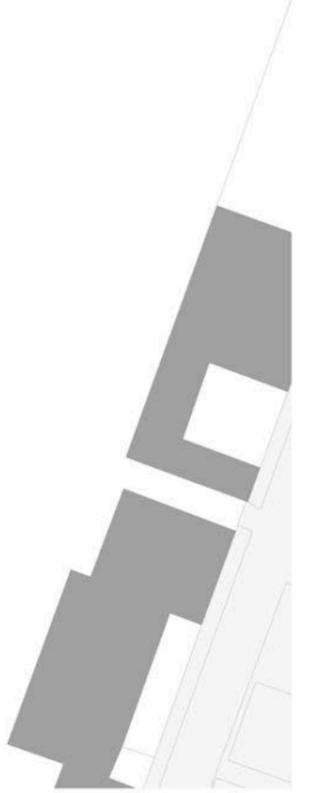
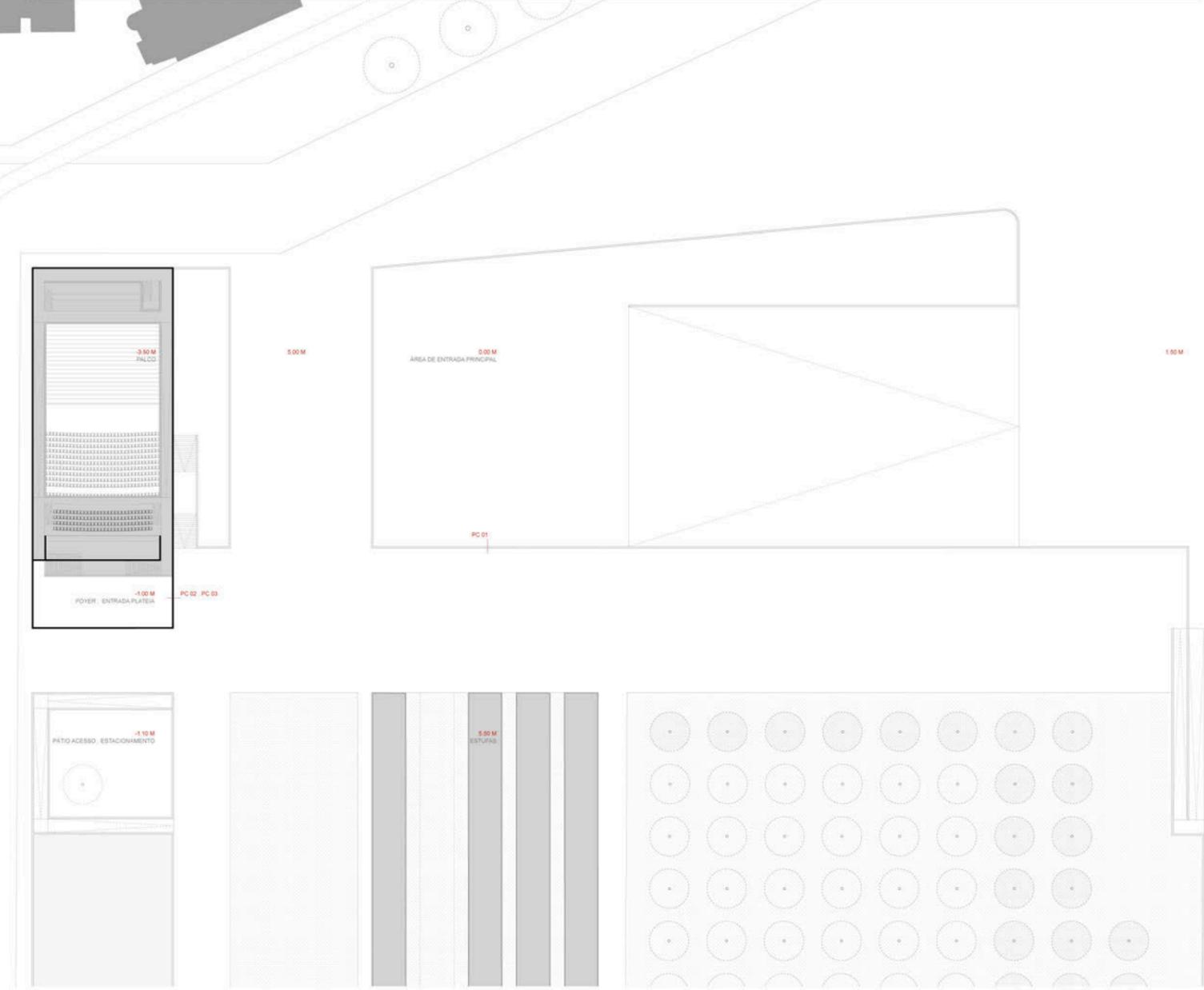
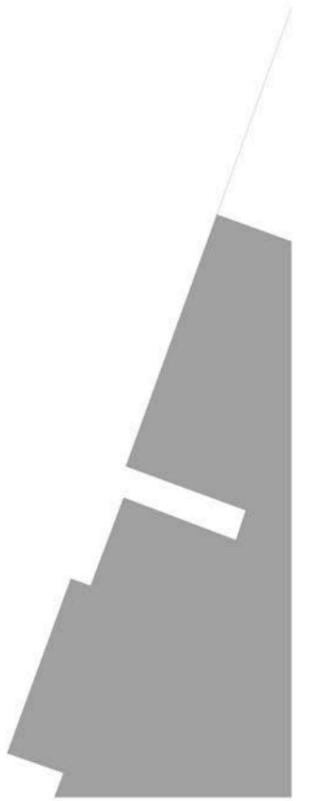
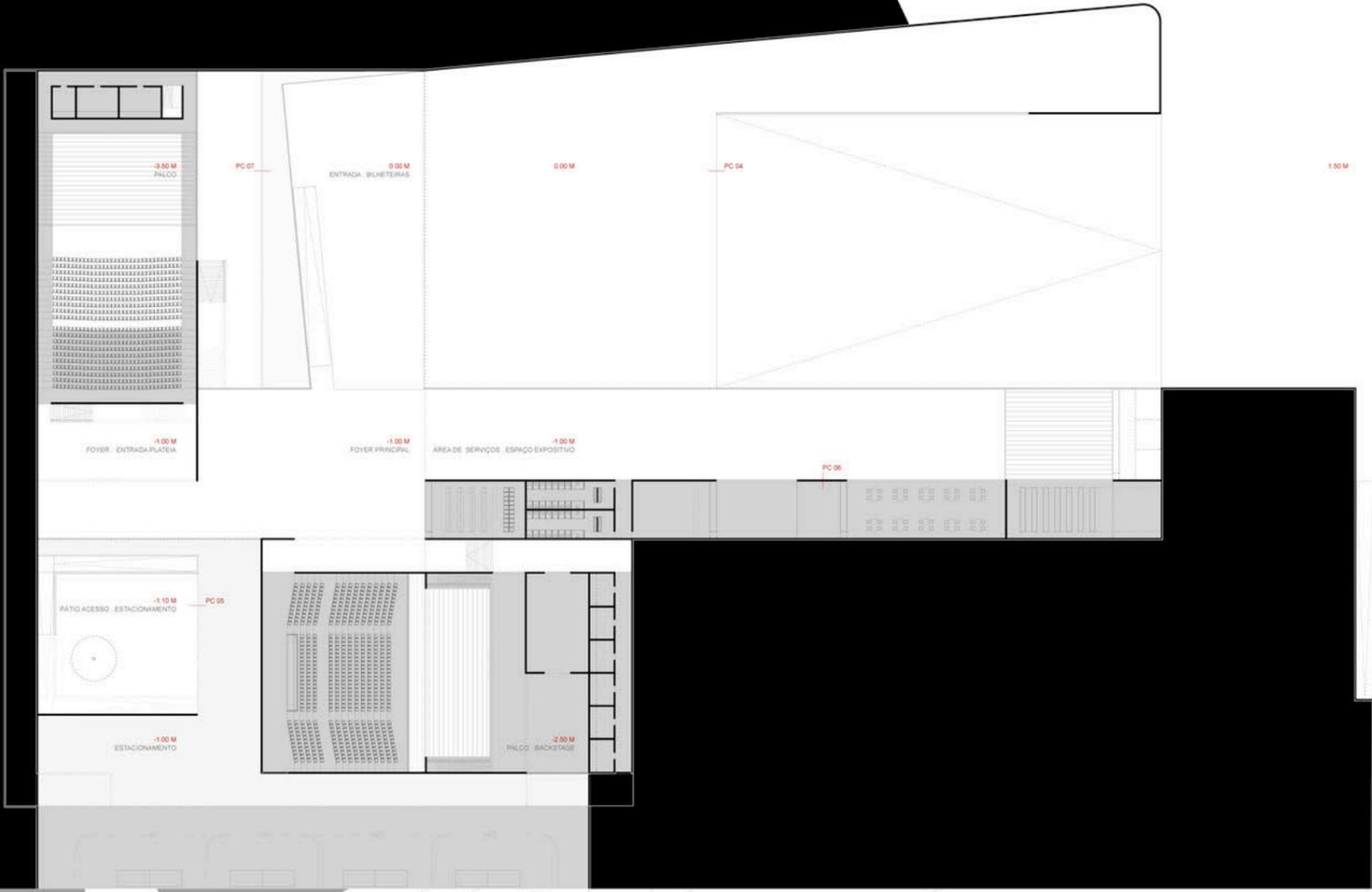


FIG.25 PLANTA PISO 0 / PLANTA PISO 1 . EQUIPAMENTO CULTURAL

15.00 M

5.00 M

0.00 M

-2.50 M

CORTE A



15.00 M

5.00 M

0.00 M

CORTE B



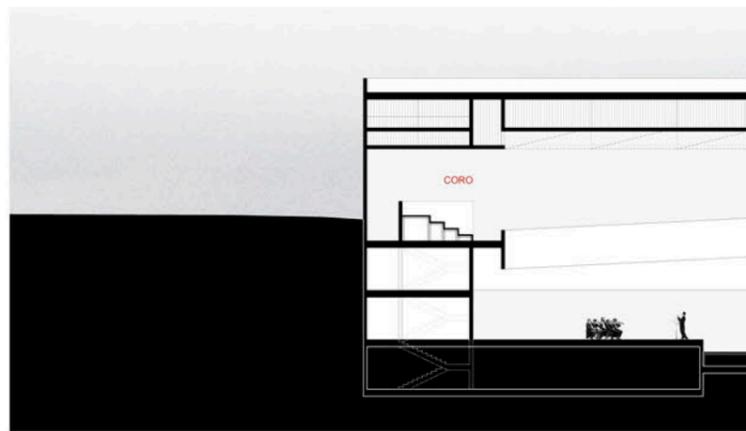
15.00 M

5.00 M

-1.00 M

-4.35 M

CORTE C



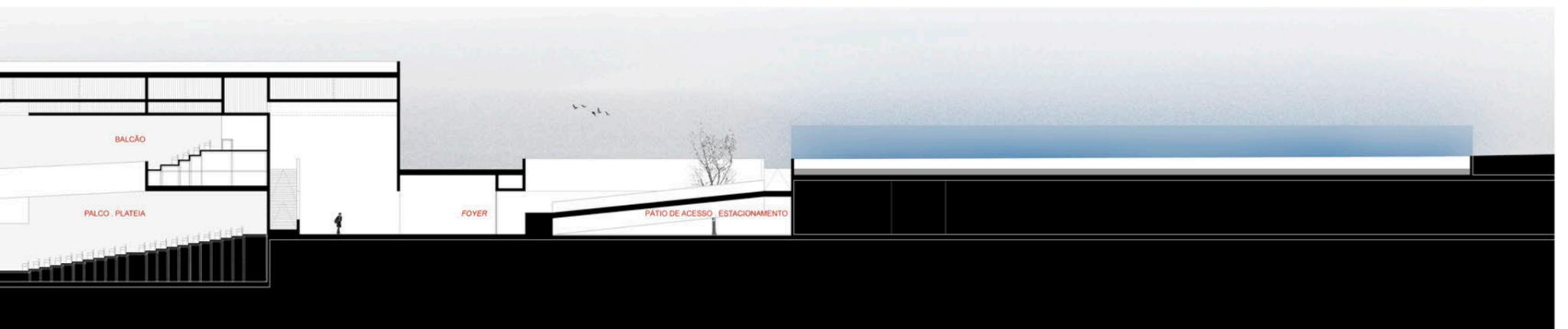
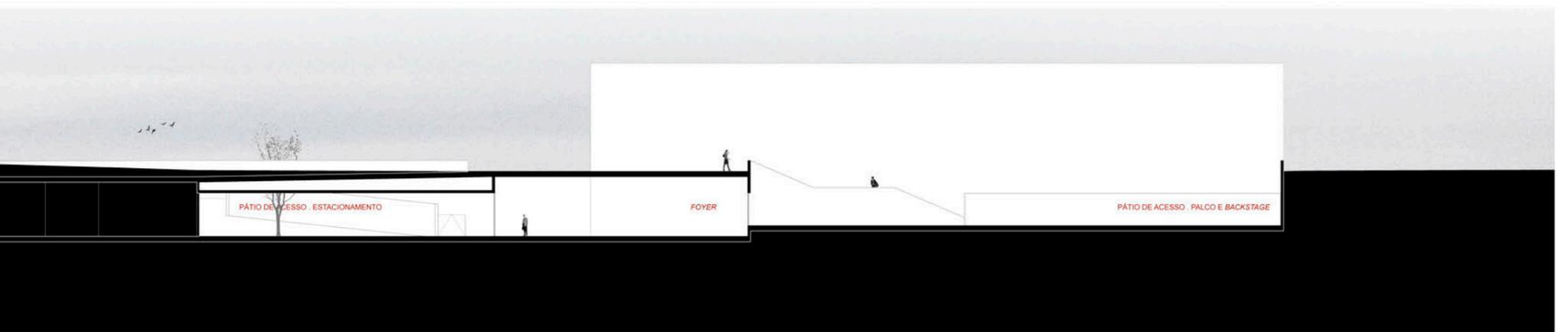
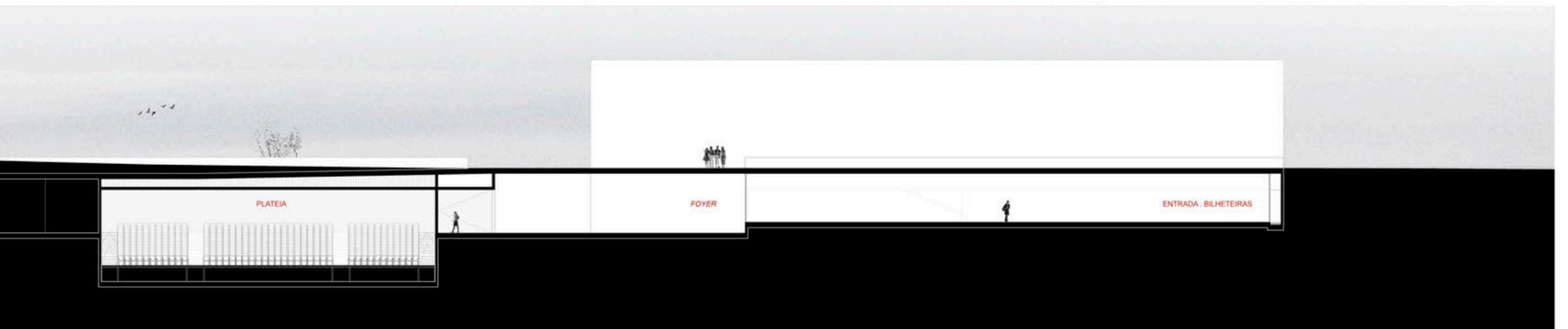
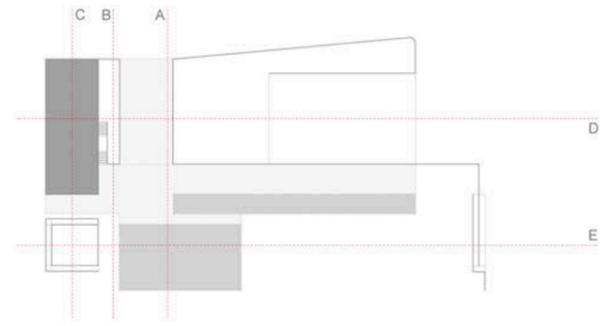


FIG.26 CORTES TRANSVERSAIS . EQUIPAMENTO CULTURAL

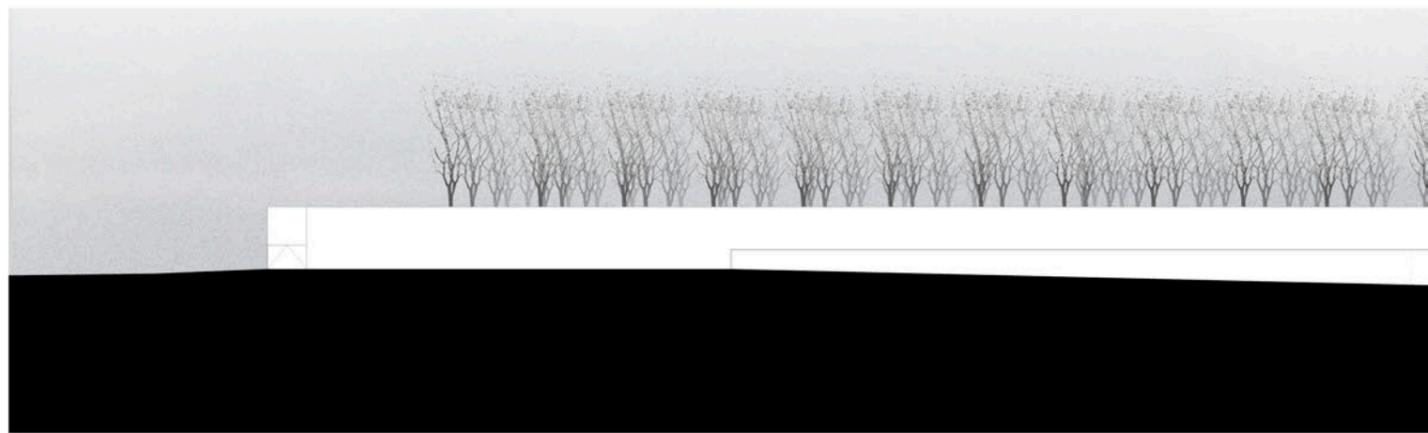
15.00 M

5.00 M

-1.00 M

-4.35 M

CORTE D



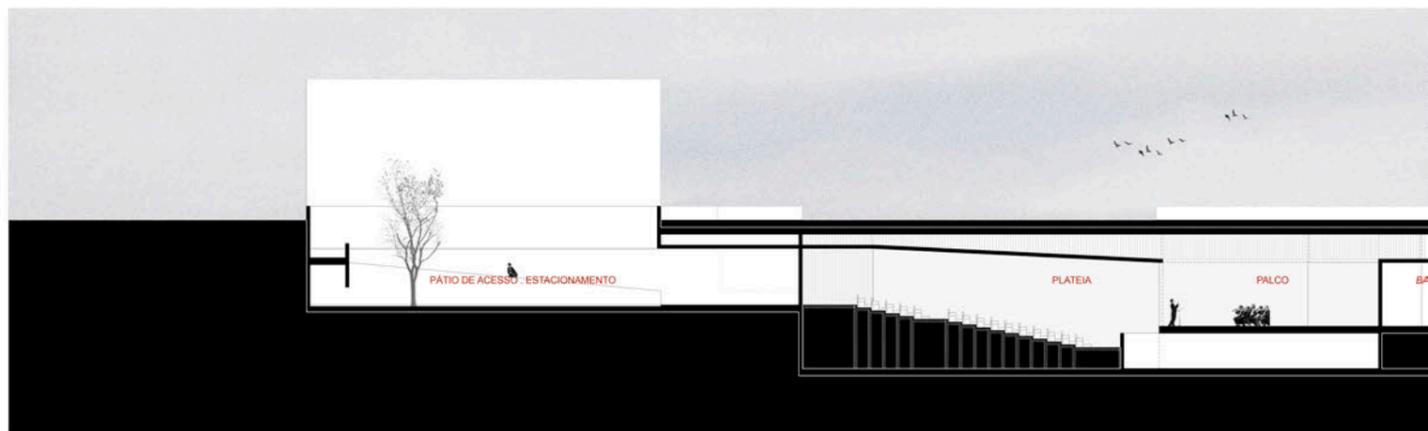
15.00 M

5.00 M

-1.00 M

-2.50 M

CORTE E



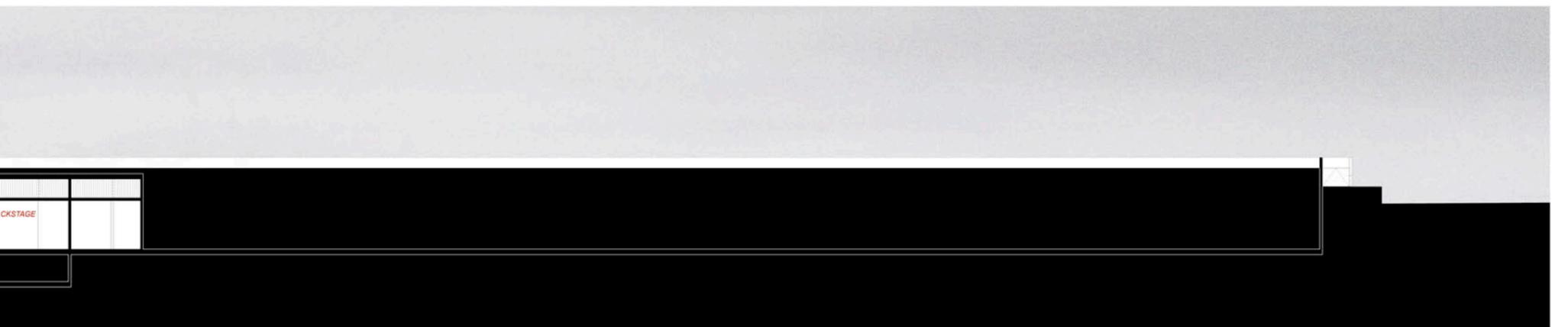
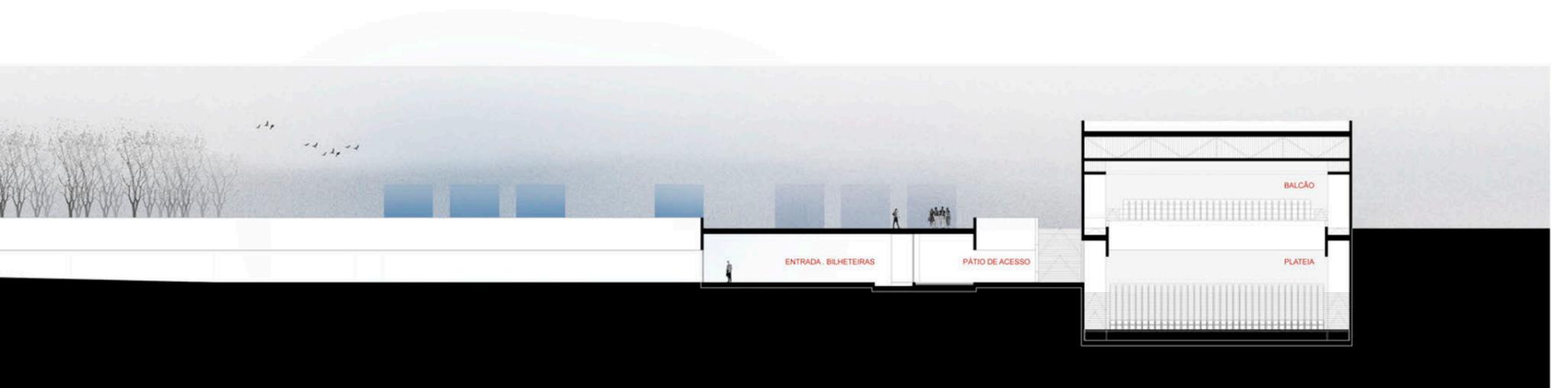
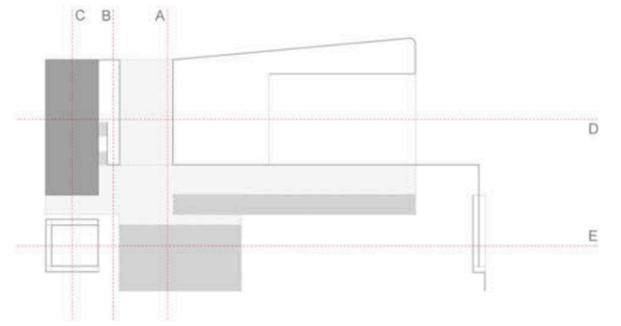


FIG.27 CORTES LONGITUDINAIS . EQUIPAMENTO CULTURAL





FIG.28 FOTOMONTAGEM . ACESSO AO PARQUE DE ESTACIONAMENTO SUBTERRÂNEO

FIG.29 FOTOMONTAGEM . FOYER

FIG.30 FOTOMONTAGEM . AUDITÓRIO



## REACÇÃO . APROFUNDAMENTO TEÓRICO

INTERVIR NA CIDADE  
MULTPLICIDADE E MULTIDISCIPLINARIDADE  
ABSORÇÃO E REJEIÇÃO

ESCALA E DIMENSÃO  
DA ESTRUTURA AO PROGRAMA  
COMUNICAÇÃO E LINGUAGEM  
MATERIALIDADE COMO *INTERFACE*  
APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO  
A RELAÇÃO COM O TEMPO

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS  
AINDA SOBRE A CIDADE



## INTERVIR NA CIDADE

“A arquitectura moderna é a investigação das maneiras possíveis de organizar o ambiente construído, desde os objectos de uso até à cidade e ao território. Esta definição da sua missão actual vale também como interpretação do passado e permite considerar a história da arquitectura como história do ambiente construído, produzido pela presença do Homem na superfície terrestre. A distinção entre o ambiente humano e o ambiente natural, a distinção entre o ambiente físico e as outras circunstâncias que constituem o conjunto da vida individual e social são distinções, de facto, que devem ser conferidas empiricamente em qualquer lugar e em qualquer tempo. (...) As relações entre arquitectura e vida individual e social não são fixas e definíveis por via teórica, mas variáveis e sempre novas”<sup>3</sup>

A arquitectura é simultaneamente fruto e manifestação de cultura e sociedade. É um conjunto de relações causa-efeito – de um acumular de experiências e processos multidisciplinares que permite a materialização do fenómeno cidade. Intervir na cidade – desenhar formas, definir espaços, usar e manipular os seus elementos – implica a consciência de que existe um passado e um contexto. A intervenção deve conseguir interpretar esta herança, e seja por afinidade ou oposição, deve saber responder-lhe, não a ignorando. No fundo, pensar e fazer cidade é um processo que, por definição, não pode não ser contemporâneo. Acontece num tempo e num espaço próprios. Implica a responsabilidade de que cada gesto, nesta convergência de passado, presente e futuro, responda perante a sociedade e nunca se legitime a si próprio. “Se desdenharmos da ética na função da cidade, de que nos serve o que resta para fundamentarmos o seu desenho?”<sup>4</sup> “Se o arquitecto (...) se esquece, por querer ou sem querer, as raízes e as consequências que o seu projecto tem de facto, para o bem ou para o mal, nos contextos mais vastos da cidade ou do território, da economia ou da sociabilidade (...) não serve a sua comunidade, negando irremediavelmente os princípios éticos e a metodologia mais genuína da revolução da arquitectura moderna.”<sup>5</sup>

O olhar sobre a cidade não pode então ser superficial, mas deve, antes de mais, ser crítico, atento às condicionantes, flexível à mudança e com a intenção de contribuir para o progresso da sociedade. Mas não entendamos o progresso como tecnológico. Até a tecnologia, na cidade, não deve ser resultado, mas meio de atingir um fim. Não faz sentido inserir um qualquer novo elemento na cidade sem que exista um propósito superior ao do ego arquitectónico – se o intuito não for o de que este *input* seja absorvido e gere algo de novo; se não for o de regenerar e revitalizar a cidade.

3 . BENEVOLO, Leonardo - *A cidade e o arquitecto*. Lisboa: Edições 70, 2011.

4 . BRANDÃO, Pedro - *O Sentido da Cidade, Ensaio sobre o mito da imagem como arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte, 2011.

5 . PORTAS, Nuno - *A cidade como arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte, 2007.

#### MULTIPLICIDADE E MULTIDISCIPLINARIDADE (COMO ESTRATÉGIAS DE INTEGRAÇÃO E DEFINIÇÃO DO LUGAR)

Antes de intervir na cidade, é preciso entendê-la. Mas entender a cidade é mais do que efectuar o levantamento dos factores que nela influem.

Neste contexto, parece ser legítimo partir da prática e seguir uma lógica intuitiva. “Só a capacidade de realização tem o direito de reunir os elementos teóricos da síntese – fazendo-a. O urbano só pode ser confiado a uma estratégia que ponha em primeiro plano a problemática do urbano, a intensificação da vida urbana, a realização efectiva da sociedade urbana”.<sup>6</sup>

Talvez incentivados pelo resultado negativo e até frustrante que o sistema administrativo impunha nas cidades, muitos arquitectos visionários, pelo sonho quase utópico da cidade perfeita, tentaram atingir peças únicas, desenhadas e programadas na totalidade, mas que pela sua inércia e rigidez formais denunciavam uma grande dificuldade em comunicar. Sobrepunha-se a vontade poética, à resolução das necessidades práticas do dia a dia. Cativavam mas não solucionavam porque, na prática, a cidade é um processo multidisciplinar.

A ideia de projecto integrado – que por ser projecto implica comprometer positiva ou negativamente o futuro, e por ser integrado responde a sistemas de âmbito social – não pode ficar-se pelo o diálogo entre quem observa, entende e informa sobre o que acontece na cidade, e quem tem de assumir a responsabilidade da decisão (do risco, da solução, do desenho). O diálogo deve incluir o objecto a quem se deve adequar, garantindo que não se comete o erro de entrar num monopólio da arquitectura, quando se trata de pensar e desenhar a cidade.

“A reflexão sobre o desenho é tanto mais válida para o arquitecto quanto menos fique no âmbito da arquitectura.”<sup>7</sup>

“Quando visto sob um prisma de desenho, isto é, da forma de projectar, o processo de dar forma à cidade é um terreno que foge à disciplinaridade, seja da arquitectura ou de outra disciplina. Quer dizer, a cidade escapa cada vez mais a noções estáveis de certo e errado, seja quanto à infra-estruturação, aos sistemas da paisagem ou à morfologia urbana.”<sup>8</sup>

Como ficou claro, a forma, ou o desenho – por mais importância que tenha, e entende-se que seja até preponderante – não resolve por si só, não evita a colaboração.

“Por maioria de razão, num contexto de maior incerteza que é nosso contemporâneo, só o cruzamento de olhares e saberes diversos, a ponte entre as margens e a reconstrução das uniões, permitirão compreender melhor o que é complexo e está em mutação. Será a lógica interdisciplinar a levar-nos a pensar com dados mais alargados, nos intervalos e interstícios da nova realidade polissémica da arquitectura e da cidade.”<sup>9</sup>

Mas este carácter múltiplo, tão evidentemente necessário na leitura da cidade contemporânea, não estaria já implícito desde a origem da procura pela urbanidade? Não deveria ser anterior este reconhecimento?

A espécie humana sempre manteve um sentido gregário, que numa primeira instância se manifestou na necessidade de defesa da comunidade, e posteriormente como estratégia de desenvolvimento e melhoria das condições de vida. Inevitavelmente, foi surgindo, ao longo da história, a questão do poder. E, ff por se materializar em meios distintos – religioso, político e económico – a ideia de poder é desde logo um sinal claro da multiplicidade que sempre esteve presente.

O desenrolar da História e a particularidade dos lugares onde cada cidade se foi desenvolvendo, levaram à existência de paisagens urbanas semelhantes em alguns dos seus traços gerais, mas manifestamente distintas quanto às suas características específicas – morfológicas e sociais.

Cada cidade é única pela sua multiplicidade, e só a multidisciplinariedade permite entender e manipular os seus fenómenos.

6 . PORTAS, Nuno - *A cidade como arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte, 2007.

7 . PORTAS, N. - *A cidade como arquitectura*

8 . BRANDÃO, Pedro - *O Sentido da Cidade, Ensaios sobre o mito da imagem como arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte, 2011.

9 . BRANDÃO, P. - *O Sentido da Cidade*

## ABSORÇÃO E REJEIÇÃO

A necessidade multidisciplinar exigida ao arquitecto ou urbanista, que num determinado contexto, é responsável por interferir no desenho de uma cidade, traduz-se na sua sensibilidade para trabalhar com uma série de factores, não externos à prática arquitectónica, mas que implicam uma abertura, no que à abrangência do seu olhar crítico diz respeito, e consequente capacidade de síntese no momento de os aplicar sob a forma de intervenção.

Nas páginas seguintes, é apresentado um conjunto de textos que procuram explorar o conteúdo de alguns destes temas, estimulados pela introdução do caso prático, no sentido de com este estabelecer relações de afinidade ou mesmo oposição, e sem necessariamente evitar redundâncias ou conflitos. A necessidade de olhar de forma crítica para estes temas surgiu, na realidade, de forma intuitiva, com a posição em parte provocatória, ou com intuito de criar reacções, que se assume no projecto apresentado para S. Lorenzo; sendo estas mesmas reacções a indicar os factores que agora se procura entender e analisar: escala, estrutura / programa, comunicação / linguagem, apropriação e tempo.

Nota: Paralelamente aos textos, vão sendo apresentadas algumas figuras que, não tendo a intenção de ilustrar directamente o conteúdo dos mesmos, reflectem de alguma forma o seu sentido ou sugerem uma interpretação menos literal.

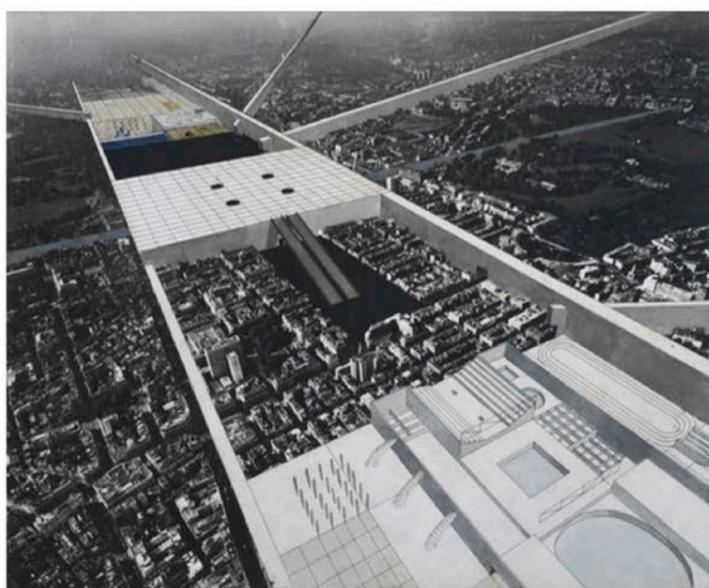


FIG.31  
 EXODUS, OR THE VOLUNTARY PRISONERS OF ARCHITECTURE. REM KOOLHAAS . 1972.  
 HTTP://ARTLOG.COM/ARTWORKS/31941

## ESCALA E DIMENSÃO

Inserir um qualquer elemento na cidade, desenhando-o perante toda a sua multiplicidade, implica antes de mais uma clara noção de escala – uma sensibilidade para o impacto da dimensão. Não apenas o impacto que o gesto terá para com a cidade, mas igualmente o quanto a intervenção poderá sucumbir perante a escala da mesma, não gerando qualquer reacção a esse input. O interesse está, porém, exactamente em conseguir suscitar esse retorno, pelo que consideremos, para este ensaio, a escala / dimensão a partir da qual podemos assumir propriedades de grandeza.

Como afirma Rem Koolhaas no seu texto sobre este tópico, "...a Grandeza instiga o regime de complexidade que mobiliza a inteligência total da arquitectura e dos seus campos afiliados"<sup>10</sup>, e neste sentido surge como mais provável uma resposta da cidade, ainda que incerta qualitativamente.

Esta incerteza do ponto de vista qualitativo não deixa de ser natural já que a escala é em primeira instância uma questão quantitativa. O impacto do tamanho do edifício é independente da sua qualidade, mas será assim com o que se obtém desse impacto? Fará sentido assumir esse descontrolo?

Ultrapassado o limiar da pequena / média escala, a massa de um edifício dificilmente poderá ser controlada por um único gesto arquitectónico, conferindo responsabilidade própria e individualizada às suas partes. Mas se não podemos falar aqui em fragmentação, por as partes poderem continuar a pertencer a um todo – a um desenho global – a verdade é que, em oposição ao gesto parcimonioso, dificilmente fica garantido o mesmo nível de controlo, por maior ser o número de variáveis.

Também a irrelevância que adquirem, perante a grande escala, factores de valor consolidado – como composição, proporção e pormenor – parece querer apontar no sentido da dificuldade em antecipar a relação causa-efeito entre a provocação e a reacção.

Um fenómeno paralelo a este da escala, é a relação interior-exterior. Particularmente a diferença de abordagem facilitada e de certa forma justificada pela dimensão. O que a fachada comunica já não é o que acontece no interior. A sua responsabilidade é a de conceder à cidade estabilidade e solidez. A de ser uma referencia enquanto alberga em si uma parafernália programática. Seja encarado como facilitismo, mais valia ou necessidade, não deixa de ser mais uma ruptura com a tradição arquitectónica e urbanística, com a honestidade e transparência, até com a ética. A cidade torna-se uma soma de estáveis incertezas. Os edifícios desta dimensão ultrapassam o que é urbano, não se inserindo no contexto, não sendo absorvidos pelo tecido. Mas "... numa paisagem de desordem, desmontagem, dissociação, desresponsabilização, a atracção da Grandeza está no seu potencia de reconstruir o todo, ressuscitar o Real, reinventar o colectivo, reivindicar a possibilidade máxima."<sup>11</sup>

Tentar responder às questões atrás enunciadas, é entrar num paradoxo. Apesar das rupturas, esta abordagem é a única que permite responder de forma absoluta e totalitária a um programa genérico, rico em imprevisibilidades – se quisermos, à polivalência.

Não só a aceita como se sustenta à custa de liberdade, agregando e abrangendo uma total diversidade.

"Apenas a grandeza pode sustentar uma proliferação promíscua de eventos num único contentor. Ela desenvolve estratégias para organizar tanto a sua independência como a sua interdependência dentro de uma entidade maior, numa simbiose que exacerba em vez de comprometer a especificidade."<sup>12</sup> Contaminar a cidade com esta impureza arquitectónica, é sem dúvida assumir um risco. É sem dúvida promover uma provocação de risco. Mas mesmo não sendo materialmente absorvida, a verdade é que gera revitalização e sustentabilidade ao nível funcional. Por não estabelecer as tradicionais relações com a cidade, por funcionar de forma independente, permite que a cidade se liberte, se expanda e contraia, não a limitando mas estimulando o seu potencial.

10 . KOOLHAAS, Rem - Grandeza, ou o problema do grande. In *Três textos sobre a cidade*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2010.

11 . KOOLHAAS, Rem - Grandeza, ou o problema do grande

12 . KOOLHAAS, Rem - Grandeza, ou o problema do grande

## DA ESTRUTURA AO PROGRAMA

“(...) cidade designa um conceito de habitat que potencia a comunicação e a colaboração, a troca se se quiser, e se é estrutural a relação entre cidade social e cidade arquitectural, não poderá a cidade ser traduzida por um conjunto de partes mas sim por um conjunto de relações entre partes.”<sup>13</sup>

A organização deste conjunto de relações entre partes, tão fundamental para o funcionamento da cidade, obriga à existência de uma estrutura que garanta que os processos da cidade sigam o seu sentido estratégico.

Mais do que resolver os sistemas de circulação ou as redes de comunicação, parece conveniente que acima de tudo se proceda à resolução do conjunto total dos meios, favorecendo o sentido colectivo, traçando as linhas e explorando os seus pontos de conexão.

A tendência actual de mercado é a do preenchimento destes pontos com edifícios de serviços, em resposta às necessidades comerciais, mas interessaria articulá-los e interpenetrá-los com espaços livres – de uma liberdade social e criativa, fomentadora de reunião, cultura e festa, i.e. de vida.

Em termos estruturais, é importante entender dois contextos nitidamente distintos, mas igualmente referenciais à organização do desenho urbano em meios de expansão física e económica: os *centros* e os *centros direccionais*. “Órgãos complexos e estruturadores, seja por articular as unidades operacionais de base residencial (...), seja por articular a cidade em relação ao território (...). Já nesta descrição se pode perceber que estes elementos primários são chave da estrutura e imagem da cidade cuja mobilidade impõe que se não concebam como centros internos daquelas unidades mas como potenciadores de comunicação e fornecedores de serviços colectivos”.<sup>14</sup>

O termo centro, para ambos os casos, não deverá ser entendido com uma conotação geométrica rígida. A sua base de composição é definida por elementos distribuidores (redes) às várias escalas e por conjuntos organizadores de actividades de serviço colectivo, fixas no sentido físico, mas flexíveis no sentido do seu uso – as infra-estruturas ou equipamentos.

“Fazer ressaltar estes diferentes elementos, quando nos falta uma taxonomia urbana rigorosa (...) deve ser justificado na medida em que julgamos que a proposta feita não é apenas de classificação mas deve corresponder a categorias a utilizar na programação e desenho das zonas, uma vez entendidas as orientações programáticas do planeamento territorial.”<sup>15</sup>

Naturalmente que esta classificação e programação dos espaços da cidade responde à sua organização e estruturação, influenciando de forma directa no seu resultado formal e conteúdo da vivência urbana. Qualquer processo que proponha algo para o funcionamento da Cidade não poderá deixar de ter isto em consideração, sobretudo porque a sua nova escala, ou seja, a nova dimensão do espaço urbano e sua contínua expansão, implica que as partes não se dispersem e fragmentem em relação ao todo. Não deixando de responder à totalidade do organismo (da Cidade) por intermédio dos sistemas de ligação, é necessário, ainda assim, um esforço de contenção (resposta local) em favor da manutenção organizacional (evitando-se eventuais sobreposições desnecessárias).

Ainda sobre a importância da relação entre estrutura e programa, partindo de questões que têm a ver com a extensão das áreas de carácter homogéneo e a polaridade dos núcleos de serviços, e sem abordar questões de materialização de projecto, carece sublinhar que definir uma estrutura e inserir nela programa é paralelamente articular tipologias com o território existente; é tomar os valores reais do lugar e sobrepor-lhe um novo discurso de interacção.

De facto, “programa não é projecto, não é desenho objectal, materializando-se no tempo através de uma luta entre concepção unitária que se atribui coerência, (...) contestante do projecto em nome do direito à apropriação e invenção do espaço.”<sup>16</sup> Efectivamente, o projecto, à escala da cidade, olha para o programa na procura de relações entre funções que permitam gerar espaço e ambiência. No entanto, a perspectiva potencialmente mais estimulante parece ser aquela em que é esta relação entre espaço e função a redefinir e alimentar a transição sectorial – tão importante no caso de *San Lorenzo*, com a necessidade de estimular a passagem centro-periferia.

13 . PORTAS, Nuno - *A cidade como arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte, 2007.

14 . PORTAS, N. - *A cidade como arquitectura*

15 . PORTAS, N. - *A cidade como arquitectura*

16 . PORTAS, N. - *A cidade como arquitectura*

Ainda sobre o tema do centro urbano – o de carácter direccional, que faz a aproximação à linha exterior da actual escala da cidade, tende a integrar estruturas de serviços, tradicionalmente opacas nas suas relações com o exterior e encerradas quanto ao desenho dos seus limites.

O caso de *San Lorenzo*, se considerarmos a intenção de lhe atribuir esse mesmo carácter direccional, é um claro exemplo desta situação (com a presença das estruturas ferroviárias, dos edifícios militares, ou mesmo da cidade universitária e do cemitério monumental *del Verano*).

Será então necessária alguma prudência na aceitação da propensão unidimensional destes núcleos, insistindo-se na necessidade de contrapor, através de uma arquitectura aberta e de exacerbação quanto valor do lugar, um novo programa que permita a introdução do lúdico e consequente vitalização social.

Porque não repensar a oposição cartesiana entre espaço livre e espaço construído, utilizando a complexidade das relações para fazer interagir estas duas realidades?

“Duas hipóteses chave para a recriação da cidade seriam a integração formal de infra-estruturas e superestruturas e a ênfase na linguagem articulando espaços e edificação em discursos significantes”.<sup>17</sup>

“A unidade de composição não é o edifício mais a rua, mas contínuos ambientais significativos postos como propostas em diálogo (...) com a zona ou a cidade existentes em que constituem intromissão e emergência. E não se reduz este conceito à ambição de compor em grande, de conceber superedifícios em vez de magros edifícios de lote. Não é tanto questão de extensão mas de integração ou antes de toda uma prática individualista, desde a forma de propriedade, em nome de valores colectivos sistematicamente reprimidos. O fragmento de arquitectura manter-se-á sempre como momento num processo, mas em vez de se exibir ou apagar, qualifica-se em relação à estrutura urbana que interpreta e logo modifica, com a novidade para a cidade dos valores arquitectónicos que designe.”<sup>18</sup>

“Antes dos elementos de atracção, a estratégia deve ir em busca de elementos de fundação. O espaço público é sempre um factor decisivo, porque a identidade, a urbanidade e a interactividade são as suas qualidades.”<sup>19</sup>

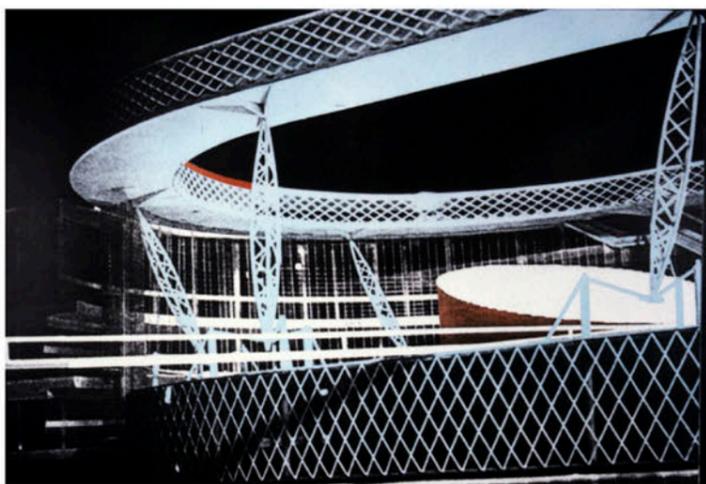
Identidade no sentido em que o espaço público tem um carácter que qualifica as actividades que nele acontecem. Urbanidade no sentido em que essas mesmas actividades representam o exercício da liberdade urbana. E Interactividade no sentido em que a sua apropriação é o resultado da vida quotidiana e da sociabilidade entre as pessoas.

17 . PORTAS, Nuno - *A cidade como arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte, 2007.

18 . PORTAS, N. - *A cidade como arquitectura*

19 . BRANDÃO, Pedro - *O Sentido da Cidade, Ensaios sobre o mito da imagem como arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte, 2011.

20 . TSCHUMI, Bernard - *Architecture and disjunction*. Massachusetts: MIT Press, 1996.



Mas a exploração do tema do programa não se esgota com a simples introdução de espaços e funções já reconhecidos como promotores de vitalidade. Numa outra leitura, mais próxima da escala específica do equipamento (do seu funcionamento e das suas relações imediatas), a programação adquire uma importância fundamental, pois apenas a máquina programada tensiona as ligações e faz vibrar os espaços dos eventos.

A referência a Bernard Tschumi, que sugere o mesmo interesse em aproveitar a potencialidade do tema *programa*, acontece por seguir uma lógica conceptual com intenções próximas daquelas propostas com o equipamento cultural em *San Lorenzo*.

“Se a arquitectura é igualmente conceito e experiência, espaço e uso, estrutura e imagem superficial – não hierarquicamente – então a arquitectura deve cessar de separar estas categorias e em vez disso fundi-las em combinações, sem precedentes, de programas e espaços...”<sup>20</sup>

No seu trabalho, Tschumi explora a relação espaço-conteúdo, dissociando o programa da sua concepção tradicional, e centrando-se na potencial virtude de ideias como deslocação, fragmentação e ruptura. As múltiplas combinações e substituições (que existem simultaneamente) assentam numa base definida em três conceitos: o *Crossprogramming* como uso do espaço de uma forma que não a prevista; o *transprogramming* como a combinação de programas díspares independentemente das suas incompatibilidades; e o *disprogramming* como contaminação mútua de programas díspares.

Estas operações não só possibilitam combinações e permuta de programas existentes, bem como sustentam a criação de novas e mais complexas lógicas de programa.

Se na Biblioteca se confronta a sala de leitura com uma pista de atletismo, e se evoca o tema da pluralidade de circuitos (circuito do visitante, do administrador, do livro.); em *San Lorenzo* confronta-se a celebração da vida (através da cultura, do evento) com o respeito pela morte (cemitério), e afirma-se a conjugação de um sistema de interacção *high-tech* (material de interface) com o orgânico de produção e troca (estufas e mercado).

## COMUNICAÇÃO E LINGUAGEM

Cresce a circulação de pessoas a todas as escalas de distância; é cada vez maior o desejo de ubiquidade, de estar presente em todas as formas de manifestação, em plataformas físicas ou virtuais.<sup>21</sup>

Multiplicam-se as redes de comunicação e acentua-se a sua sobrecarga.

Ganha corpo o complexo sistema de comunicação exigido pela sociedade actual – um sistema conciliador de múltiplos subsistemas, responsável por interacções sociais, trocas económicas, fluxos de informação, etc., e que, aplicado à estrutura organizadora da cidade, atribui novo significado e expressão aos lugares de vitalidade social – ao espaço público.

O impacto da utilização das redes atinge de tal forma a dimensão social e espacial da Cidade, que faz nascer, em si, uma nova lógica económica.

“A amplitude e a flexibilidade do novo sistema de comunicações aumentaram a capacidade de absorção de todo o tipo de expressões culturais, sociais e políticas”<sup>22</sup> e conseqüentemente o espaço público é cada vez menos do domínio exclusivo da realidade física tangível, alargando a sua abrangência aos diferentes meios de comunicação.

Mas introduzir aqui um novo elemento, seja de ruptura ou continuidade é, de alguma forma, como INTERVIR NA CIDADE. Pressupõe uma compreensão global do sistema, da sua organização estrutural, mas igualmente noções de ética e responsabilidade civil.

Desde logo, tratando-se de informação em espaço público, a natureza pública do conteúdo da mensagem reside no interesse que ela representa para o público: desde a orientação da sua circulação e conseqüente geração dos principais fluxos de movimento, à representação simbólica da identidade dos locais de que usufrui.

“Assim, a cultura urbana da comunicação traz consigo um traço de cidadania: quanto à liberdade de expressão no espaço público, e também os valores do colectivo, tais como, a capacidade de promover a expressão artística e ainda a manifestação política...”<sup>23</sup>

Esta ideia de comunicação não deve, contudo, ter uma leitura meramente superficial, no sentido em que a sua materialização e definição acontecem no domínio do projecto de arquitectura, como de resto já ficou subentendido no capítulo da MATERIALIDADE COMO INTERFACE.

“Um projecto de espaço público é um projecto que exprime sociabilidade, ou melhor, a negociação dos interesses na cidade. E também a liberdade.

Comunicar, acto de liberdade, pode ser também espaço de sujeição, pelo que as competências comunicacionais são um factor crítico.”<sup>24</sup>

Mas comunicar não significa apenas transmitir uma mensagem. Comunicar é também promover a troca, facilitando o contacto com os meios de locomoção – sendo que esta intercomunicação, baseada no conceito de acessibilidade, tem um forte impacto ao nível das infra-estruturas.

No caso do equipamento cultural em San Lorenzo, além da questão da interactividade lúdica, de carácter digital, entra na discussão um outro tema, particularmente menos visível e de natureza analógica: a passagem exterior-interior através da utilização do automóvel.

Na prática trata-se igualmente da criação de um interface com as redes viárias, criando-se um parque de estacionamento subterrâneo que não só pretende resolver de forma racional um problema existente no quartiere – o do estacionamento – como introduz a questão fundamental do conforto.

A presença desta máquina na paisagem urbana é há muito incontornável, e mais do que tentar mascarar esta realidade, parece ser preferível assumi-la e aproveitar inteligentemente as vantagens que a mesma possibilita. Por mais importante que seja incutir a ideia da utilização das redes de transporte público em ambientes urbanos saturados, é difícil imaginar uma transição mais confortável do que entrar directamente no espaço ou serviço a utilizar, sem a necessidade de sair do meio que nos transporta até ao momento em que já nos encontramos no interior da infra-estrutura. Mantém-se toda a lógica de aproximação e entrada no equipamento, para quem circula na cidade a pé, mas introduz-se este mecanismo de acesso directo numa lógica de optimização funcional.

21 . ideia sustentada por Jean Gottman em *La centralità Globale: la città nelle rete moniale*

22 . BRANDÃO, Pedro - *O Sentido da Cidade, Ensaios sobre o mito da imagem como arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte, 2011.

23 . BRANDÃO, P. - *O Sentido da Cidade*

24 . BRANDÃO, P. - *O Sentido da Cidade*

25 . PORTAS, Nuno - *A cidade como arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte, 2007.

26 . PORTAS, N. - *A cidade como arquitectura*

27 . NEVES, Victor - *A Cidade é uma obra de arte*. In *A cidade*. Coleção Sebentas d'arquitectura. Lisboa: Universidade Lusíada Editora, 2011.

28 . CASTELLS, Manuel - *The Reconstruction of social meaning in the space of flows*. In *The Informational City*. Oxford: basil Blackwell, 1989.



Afirma-se atrás que o processo comunicativo não é apenas um tratamento de superfície, mas este facto não impede a importância que representa a questão da linguagem, seja ao nível do software, ou ao nível do hardware.

"...esta exasperação de tudo o que exprima comunicação – que se opõe simbolicamente aos volumes fechados por cortinas de vidro que nada oferecem ao exterior senão os próprios reflexos – pode vir a ser suporte das actividades imprevisíveis da dimensão lúdica – da descoberta interpessoal, da invenção de grupos de festa." <sup>25</sup>

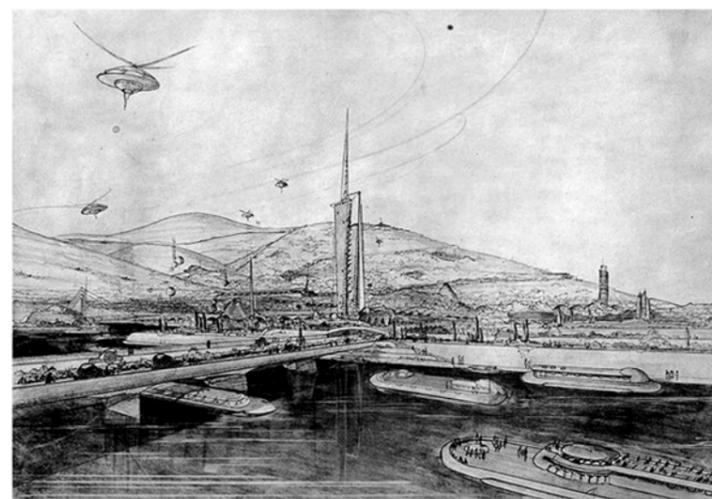
A linguagem de um edifício é o primeiro sinal daquilo que o mesmo representa em termos de possibilidades espaciais e sociais, tornando-se crítico considerar questões de continuidade espacial e tipológica, relativamente ao território ou à cidade, tendo em conta a importância simbólica do valor da forma e da imagem. "A forma tende a reflectir o sentido do objecto e não o seu uso, como ensinaria certo funcionalismo simplistamente mecanicista.

Forma e sentido são os elementos da unidade linguística de um sistema de comunicação; e a arquitectura, necessidade humana socializada ainda mesmo como expressão poética, mantém essa unidade no binómio espaço-comportamento..." <sup>26</sup>

No contexto actual da "info-cidade", no momento em que a ideia de espaço público já não se limita ao ambiente físico, os temas de comunicação e linguagem tornam-se imprescindíveis na sua leitura e entendimento. Mas mais do que a perspectiva presunçosamente exterior de quem pretende controlar a Cidade, procure-se a visão de quem a habita, e nesse sentido, o estímulo é cada vez mais ao movimento célere e intuitivo.

Mas "será esta nova info-sociedade compatível com a necessidade humana de pertencer a um lugar? A um locus ao qual se remete a nossa cultura sedentária urbana e arquitectónica que herdámos na segunda metade do séc. XX?" <sup>27</sup>

FIG.33  
A PRESENÇA DOS MEIOS DE TRANSPORTE NA REPRESENTAÇÃO FUTURISTA DA CIDADE  
NO FILME METROPOLIS DE FRITZ LANG, 1927



Há mais de duas décadas que Manuel Castells, no seu ensaio sobre a reconstrução do sentido social no novo espaço de fluxos, havia antecipado esta questão com discurso que ainda hoje encontra sentido.

"O que devemos prevenir a todo custo é o desenvolvimento da lógica unilateral do espaço dos fluxos, enquanto mantemos a pretensão de que o equilíbrio social das nossas cidades se mantenha. A não ser que políticas alternativas e realistas, albergadas por novos movimentos sociais, sejam encontradas para reconstruir o significado social das localidades no seio do espaço dos fluxos, as nossas sociedades irão fracturar-se em segmentos não comunicativos cuja alienação recíproca levará à violência destrutiva e a um processo de declínio histórico. Contudo, se projectos sociais e inovadores, representados e implementados por governos locais renovados, forem capazes de dominar as formidáveis forças libertadas pela revolução das tecnologias da informação, então uma nova estrutura sócio-espacial poderá emergir, constituída por uma rede de comunidades locais que controlam e dão forma a uma rede de escoamentos produtivos. Talvez aí o nosso tempo histórico e o nosso espaço social convergirão para a reintegração do conhecimento e significado de uma nova Cidade Informacional." <sup>28</sup>

FIG.34 THE LIVING CITY . FRANK LLOYD WRIGHT . 1958

## MATERIALIDADE COMO INTERFACE

Em qualquer relação *hardware* - utilizador é fundamental a definição de um *interface* que a torne não apenas possível mas igualmente intuitiva.

No caso de um equipamento cultural em contexto urbano, é de sobremaneira importante programar esta interactividade já que será o principal motor de comunicação com o meio e, conseqüentemente, factor decisivo no conceito de absorção / apropriação urbana.

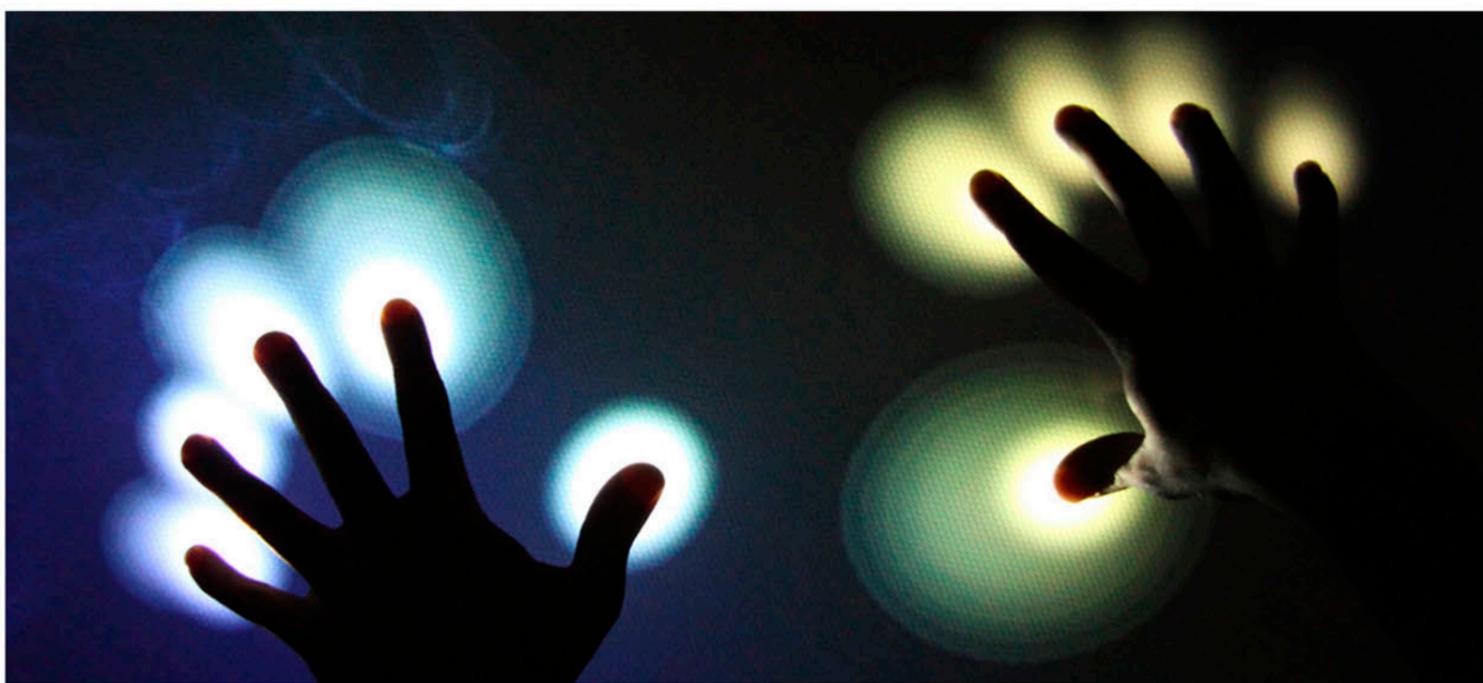
Os diferentes sistemas de troca – à escala do território através da presença cultural como polo gerador de interesse, e à escala local através de um processo de produção, venda e utilização de um produto – materializam então, no caso desta proposta, a sua necessidade comunicativa no complexo de estufas. Outros elementos apoiarão esta interactividade (referência à projecção na fachada do auditório), mas parece natural que esta grelha de estruturas de produção agrícola, pelo seu carácter conceptual, funcional e necessidades materiais, se assuma como principal elemento de *interface*.

A sua definição implica uma investigação específica ao nível dos materiais que, além de responderem a requisitos comunicativos, deverão ter em conta critérios de inovação e sustentabilidade.

A seguinte selecção representa esta mesma procura, e cada um dos materiais apresentados responde, parcial ou totalmente, às diferentes necessidades enunciadas; sendo que a opção final (a vermelho e representada na imagem) é aquela que melhor transforma as superfícies do complexo em potenciais pontos de contacto com o fluxo de informação, não colocando em causa uma lógica sustentável.

Nota:

Apesar do tema *materialidade* corresponder directamente ao desenvolvimento do CASO PRÁTICO, o mesmo apresenta-se enquanto APROFUNDAMENTO TEÓRICO, já que foi esta última fase do processo a permitir entender e definir o sentido da sua exploração.

FIG.35 . PELÍCULA SENSÍVEL AO TOQUE  
HTTP://WWW.DISPLAX.COM/

## SELECÇÃO DE MATERIAIS

**ZELFO**<sup>29</sup> . Material composto exclusivamente por fibras de celulose de origem vegetal (ex: cânhamo, linho, resíduos de papel, etc), transformado numa massa maleável sem adição de água ou adesivos, podendo ser moldada por injeção, compressão, ou mesmo extrudida. É já bastante utilizado em luminárias devido às características de permeabilidade à luz deste biopolímero.

**ECOFLEX**<sup>30</sup> . Plástico biodegradável baseado em copoliésteres alifático-aromáticos. Apresenta qualidades de produção similares ao PE-LD (polietileno de baixa densidade), podendo por exemplo ser utilizado em *foil-packaging*, ou substituir outros tipos de películas plásticas em diversas aplicações.

**BIO-GLASS**<sup>31</sup> . Painel 100% produzido a partir de vidro reciclado. Por não conter quaisquer aditivos ou agentes colorantes, poderá voltar a ser totalmente reciclado, sendo que a sua produção requer uma quantidade reduzida de energia, comparativamente a outros processos. Dado às suas características estéticas, este material é bastante utilizado por *designers* industriais e em mobiliário de interior.

**SEELE-COVER**<sup>32</sup> / **CENOTEC**<sup>33</sup> . Ambos se enquadram na categoria das membranas têxteis, um material extremamente resistente, composto por fluoropolímeros ou tecidos de poliéster revestidos. Os fluoropolímeros, tal como o ETFE, apresentam maior resistência a influências químicas e biológicas, podendo ser exposto a condições extremas e variadas temperaturas. As películas ETFE, com espessuras entre 0,05 e 0,25mm, são de resto utilizadas na construção de membranas com a criação de almofadas de ar duplas ou de múltiplas camadas. A translucidez é de 90-95 T, incluindo radiação UV (fundamental para a construção de estufas), podendo varias através de processos de impressão.

**CHROMICOLOR**<sup>34</sup> . Pigmentos, vernizes e resinas, com propriedades termosensíveis, que se tornam transparentes quando expostos a calor, sendo que a temperatura à qual reagem pode ser previamente definida.

As resinas termocrómicas podem ser utilizadas com diversos compostos no sentido de se conseguir um determinado tipo de acabamento, e o efeito mantém igualmente estável mesmo que exposto a radiações UV.

**REVERSACOL**<sup>35</sup> . Cores fotocromicas que reagem à exposição de radiação UV alterando a sua reversibilidade cromática. A sua aplicação a um determinado material transparente permite não só a sua alteração cromática mas igualmente controlar o nível de protecção ao sol. Um exemplo é a sua aplicação a óculos de sol.

**MAKROFOL**<sup>36</sup> . Filme (película) condutor de luz, constituído por policarbonato e pigmentos fluorescentes. A incidência de luz com maior comprimento de onda é reflectida através deste material e aparece mais intensa nas suas extremidades, conferindo-lhe maior brilho e visibilidade nessas áreas sem no entanto perder o mesmo efeito na restante superfície. Outras das suas propriedades são a boa resistência mecânica (tendo em conta que se trata de um filme) e ao calor, bem como notórias qualidades gráficas. A sua versatilidade permite inúmeras aplicações, sendo a sua utilização no exterior perfeitamente plausível.

**PELÍCULA MULTI-TOUCH**<sup>37</sup> . Película constituída por polímeros (de características variáveis em função da utilização) na qual é integrada uma rede *nano-wire* que lhe confere sensibilidade ao toque, sem alterar consideravelmente as propriedades plásticas da base. Os circuitos condutores integrados na película são de tal forma sensíveis à influência externa que até a circulação de ar poderá activar os comandos – e se como na imagem anexa, significarem iluminação dos pontos activados, o efeito criado não só representa uma infinita interactividade com o meio, como um incrível espectáculo de luz e cor.

29 . <http://www.zelfo-technology.com/>30 . <http://www.bioplastics.basf.com/ecoflex.html>31 . <http://www.coveringsetc.com/BioGlassHome.aspx?CategoryID=21>32 . <http://www.seele.com/cover-en.html>33 . <http://www.sattler-ag.com/sattler-web/en/products/138.htm>34 . [http://www.matsui-color.com/chromicolor\\_molding/](http://www.matsui-color.com/chromicolor_molding/)35 . <http://www.vivimedlabs.com/vivimed-products/reversacol-photochromic-dyes>36 . <http://www.bayerfilms.com/products/makrofol/>37 . <http://www.displax.com/>

## APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO URBANO

É através do corpo que o homem consegue a sua presença no mundo – do esforço de apropriação do espaço, para o habitar, usando-o.

Uso – que é o primeiro sentido da arquitectura, e, nesse quadro, será na vida quotidiana e na utilização real (ou apropriação) dos sítios pelos seus utilizadores (cidadãos) que a cidade se realiza.

Inseridas num contexto de uma crescente globalidade, as cidades estão hoje a tornar-se máquinas de competitividade que utilizam o seu desenho para afirmarem uma identidade, e marcarem pela diferença. Contudo, o processo não pode ser redutor, respondendo apenas à necessidade de “atenção”, sem considerar outras preocupações que não as de carácter estético – até porque como foi analisado em pontos anteriores, este está longe de ser um modelo de qualidade e valor.

A competitividade das cidades não pode sustentar-se, primariamente, na qualidade da atracção turística, comercial ou de investimento – através de tipologias de espaço que apenas estimulam afluência (quantidade) e sob a forma de slogans (como cidade limpa, segura e competitiva) que correspondem, incontornavelmente, a exclusão económica e social.

A questão da qualidade do espaço público “não é redutível a noções de valorização ou embelezamento, mesmo com o desejo legítimo de uma imagem apelativa e a sua tradução em mais valias económicas. Falta equacionar o outro sentido que na cidade tem o valor, directamente vinculado ao quotidiano real dos habitantes e utilizadores da cidade. O sentido da cidadania manifesta-se desde logo quanto à possibilidade do uso e à liberdade de expressão no espaço público, mas também quanto aos valores do colectivo, a interacção comunicativa baseada no compromisso.”<sup>38</sup>

A relação entre organização do espaço e comportamento humano, a todos os níveis de qualidade e quantidade, não só pressupõe a influência da Cidade sobre o Homem, indivíduo ou membro de uma comunidade, como o resultado da actividade deste no meio urbano, de onde resultam acções e reacções mútuas de

causa e efeito que permitem entender a sua interdependência. Assim, a Cidade depende do Homem como o Homem depende da Cidade.

O planeamento urbano é então um processo social, em que os modos de pensar e os modos de agir são efectivamente construídos pelos participantes. O arquitecto não pode mais do que dar o seu contributo inicial, reunindo em sede de projecto um conjunto de intenções, que sintetizam as diferentes disciplinas, mas que apenas podem ganhar dimensão temporal com a participação – com o uso que lhe confere sentido.

“...estamos longe de pensar que a arquitectura se salva se um autor puder desenhar ou aprovar tudo o que nela aconteça.

Pelo contrário não renunciamos ao valor do caos aparente, do mesmo modo que (...) não renunciámos à necessidade estrutural de haver um sistema de referência, tipológica, que permitiria o continuum através precisamente da diferenciação que deixaria ipso facto, de se medir como “ruído”.

E tornamos à participação do utente no processo de projecto, em última análise no uso crítico dos ambientes designados, ou seja utilizando a dimensão temporal da arquitectura...”<sup>39</sup>

“...reforçando por todos os meios os canais de retroacção (utentes-arquitectura) chegaremos a um diálogo de tensões que pode alimentar espaços muito mais ricos, porque biunívocos, embora mais complexos e ambíguos à custa de algum espaço-perdido que encontra justificação social como função-segunda designada por uma forma-aberta.”<sup>40</sup>

O espaço público é o espaço que é fundador da forma urbana, o espaço que configura o domínio da socialização e da vivência comum. Podendo, em última análise, ser ou não da propriedade pública, os espaços públicos devem ser sempre vistos como bens de utilização livre, não ultrapassando os limites estabelecidos pelas regras da liberdade cívica, i.e. pela lei.

Num outro patamar mais imaterial – o do valor intangível – as qualidades do espaço urbano definem a identidade dos lugares e contribuem para a sua valorização e seu carácter inovador; pelo que o seu desenho permite aos

38 . BRANDÃO, Pedro - *O Sentido da Cidade, Ensaios sobre o mito da imagem como arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte, 2011.

39 . PORTAS, Nuno - *A cidade como arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte, 2007.

40 . PORTAS, N. - *A cidade como arquitectura*

41 . <http://epos257.cz/blog/> (trad. livre)



diferentes sistemas (como no caso de San Lorenzo) mas também pelas referências simbólicas, comunicativas ou evocativas que introduzem, sendo esta condição essencial para o fenómeno da apropriação colectiva e por conseguinte para a competitividade das cidades.

Não se trata aqui de subjectividades ou imperceptibilidades, nem, por contraste, da criação de sistemas exactos de utilização, mas da proposta de um modo de compreensão da qualidade identitária do espaço público. A identidade é, então, um processo (de construção de um lugar), e a apropriação um propósito que adequa espaço e uso.

Na cidade, o espaço público é a maior expressão da vida urbana, manifestando-se na diversidade de contactos (interacção) que fazem parte da natureza da nossa vivência. O desenho do espaço público, espaço de todos, é tão mais conseguido quanto maior for a participação (de todos) na sua definição.

Na imagem em cima, o grupo intervencionista epos257 faz uma interpretação literal do conceito de apropriação de espaço público, testando mesmo os limites da liberdade, ao vedar uma área de 50m<sup>2</sup> da praça Palackeho, em Praga - considerado o lugar mais liberal do país.

"É o espaço público um mero mito? Na sociedade contemporânea, o nosso espaço habitável é definido por normas e regras, da mesma forma que vedações delimitam as escolhas do nosso movimento livre. Apenas tentando ultrapassar esses limites, conseguimos realmente perceber o quão limitado é o espaço em que vivemos." <sup>41</sup>

## A RELAÇÃO COM O TEMPO

O fascínio que a *Cidade dos fluxos* exerce sobre o Homem manifesta-se nos diferentes canais, mas advém fundamentalmente do binómio espaço-tempo – o espaço e tempo que formam a base estruturante da nossa experiência enquanto *seres urbanos*.

Esta é não só a mais complexa relação que a arquitectura compreende, como eventualmente a mais imprevisível. Vive-se uma obsessão pelo controlo da circunstância de um determinado espaço (projecto), do seu desenvolvimento ou envelhecimento ao longo do tempo, mas invariavelmente esse controlo é delegado a variáveis de momentos próprios. O projecto deve sugerir e programar uma orientação de continuidade evolutiva, mas abdica do comando dessa evolução assim que se expõe à participação do tempo, i.e. ao conjunto de agentes que ao longo da sua vida útil interferem e alteram a realidade inicial. A cidade deixou de ser o objecto e o fim, mas a condição – o ambiente cultural em que a intervenção urbana ganha forma.

Uma segunda observação pertinente no que diz respeito às relações espaço-tempo, tem que ver com o tema da partilha. Tal como o espaço, também o tempo suporta o conceito do comum – de alguma forma também o tempo pode ser público. A sucessão fragmentada de instantes que cada um de nós vive pode ser então sincronizada (por ex. pela presença simultânea no mesmo espaço), promovendo-se a partilha que é, de certa forma, a génese do evento. Esta ideia de sincronização efémera e pontual, mas frequente, é aliás uma das intenções mais claras da proposta para San Lorenzo – um espaço de convergência; de celebração à cultura, à vida e à morte.

Mas são estes sentidos diferentes para o mesmo tempo, ou cada um pressupõe o seu próprio tempo, o seu próprio ritmo?

Os mesmos sistemas que conferem sentido e sustentabilidade ao funcionamento da infra-estrutura reclamam, de facto, sensibilidades distintas: o tempo do programa, do funcionamento diário do equipamento como serviço; o tempo do evento, da possibilidade de interactividade ininterrupta como resposta sensível à

totalidade dos ritmos da Cidade; o tempo da vida, ou do organismo, como entendimento de um processo ou ciclo de renovação natural e invariável; e o tempo da morte, como única intemporalidade, ou eterna permanência.

Procurando manter um certo sentido prático perante estes temas de conotação conceptual, a intenção é que esta lógica de pensar o projecto lhe confira maior legitimidade, não como processo posterior de justificação de uma determinada posição, mas como uma tentativa de leitura às várias camadas da complexidade urbana, e de análise crítica à eficiência do programa e das suas ligações/ramificações com essas mesmas camadas.

*Manhã cedo em Roma – é ainda escuro mas já se prepara o mercado de flores à luz dos efeitos de cor das estufas onde se faz o seu cultivo. O espaço cultural mantém-se fechado, mas os seus mecanismos sensíveis reagem e activam-se perante a movimentação em seu redor.*

*A luz do dia começa a sobrepor-se à projecção que anuncia o evento para aquela noite, mas dá vida ao tom das flores agora já expostas para receber quem vem ao cemitério e à Basílica prestar respeito pela morte, ou celebrar a vida que continua invariavelmente.*

*Com a cafeteria já a funcionar, quem almoça aproveita para visitar a exposição de arte instalada no foyer, ou fica pela praça e jardins do complexo, mantendo-o animado.*

*Ao final da tarde, abrem as bilheteiras e começam-se a adquirir bilhetes para o espectáculo da Orquestra Sinfónica de Roma que já se vai ouvindo nos ensaios de preparação.*

*A projecção que publicita o espectáculo volta a ganhar visibilidade com o cair da noite, enquanto os efeitos de luz e cor das estufas orientam o tráfego que se vai intensificando nos canais de ligação ao centro cultural.*

*Cheia a sala, apagam-se as luzes, inicia-se o espectáculo.*

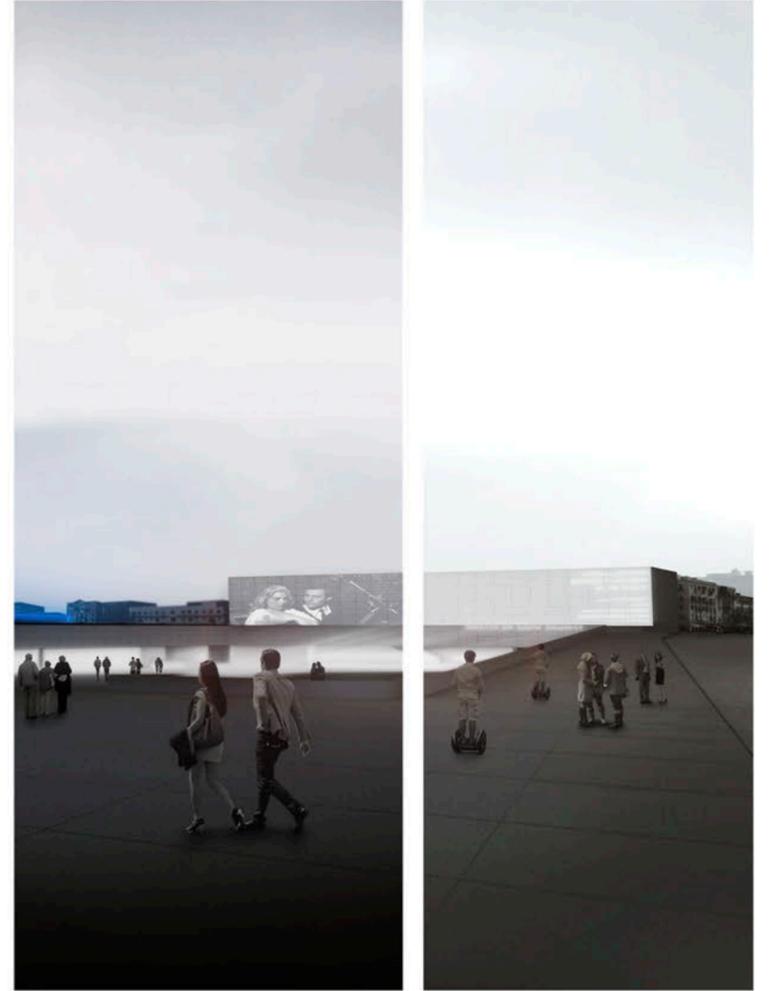


FIG.37 FOTOMONTAGEM . EQUIPAMENTO CULTURAL



FIG.38 . NETROPOLIS . FOTOGRAFIA HÍBRIDA DE PARIS . MICHAEL NAJJAR . 2003/2006



## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

### AINDA SOBRE A CIDADE

“Ao atravessar o espaço de uma cidade, deslocamo-nos por uma rede de perspectivas sobrepostas em movimento. À medida que o nosso corpo avança, abrem-se e fecham-se as vistas, palpitam as perspectivas. O brusco movimento dos objectos, muros e edifícios, distantes e próximos, revela uma paisagem em mudança, visualmente tectónica, chamada paraláctico. O passeio suscita uma grande quantidade de experiências espontâneas que se entrelaçam no espaço urbano. Nos complexos espaços da cidade moderna, os edifícios são tanto objectos como visões parciais que formam um contínuo em perspectiva.”<sup>42</sup>

É esta a imagem da Cidade contemporânea – uma cidade frenética que responde aos estímulos da presença de quem a habita; um mecanismo que nunca se desliga.

Assume-se, aqui, como plataforma única para o processo arquitectónico, no seu sentido experimental e progressivo.

Apenas a cidade absorve os diferentes *inputs* – os que apontam para a radical transformação do espaço habitado pelo Homem; os que defendem a articulação dos estratos sobre os quais se construiu a memória e o tempo da cidade; os que assentam no refinamento de objectos arquitectónicos singulares; ou os que incorporam lógicas de continuidade ou negação com o contexto – e os traduz, com o tempo, em novas identidades de espaço, em novos lugares.

“Para Marc Augé, vivemos uma proliferação de não-lugar(es) e o desaparecimento dos lugares. O nosso mundo super moderno está entregue à individualidade solitária, ao fogaz, ao temporário e ao efémero, e os espaços constituídos para efeito de transporte, trânsito, comércio, lazer, são precisamente as matrizes

espaciais onde a interacção directa entre as pessoas desapareceu. Há, então, uma ligação estreita entre esta visão muito pessimista da super-modernidade, com a sua noção de não-lugar, o desenvolvimento de transportes e telecomunicações, com os espaços que eles geram e com as relações sociais que os mesmos estão a destruir. Estas teorias são particularmente atraentes para aqueles que são nostálgicos de algumas antigas formas de urbanidade, ou para quem promulga todo um conjunto associado à mitologia da cidade europeia e às suas sociabilidades. Mas ao contrário de Marc Augé, consideramos que não há dissolução dos lugares em não-lugares, mas sim a constituição de novos espaços locais (novos lugares urbanos), e, na verdade, os espaços de mobilidade, de trânsito, de passagem, são particularmente favoráveis ao aparecimento destes novos lugares.”<sup>43</sup>

Assim, a mobilidade das redes reais e virtuais não provoca o fim da cidade ou dos lugares, mas promove a criação de novas formas de os viver.

42 . HOLL, Steven - *Entrelazamientos*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1997. (trad. livre)

43 . *Des villes de toutes les mobilités et de toutes les vitesses : un défi pour les architectes, les urbanistes et les responsables politiques*. Conferência de François Ascher na Bienal de Arquitectura de Roterdão, 2003. [http://www.ville-en-mouvement.com/seminairechaire0702architecture/telechargement/conf\\_Ascher\\_rotterdam\\_fr.pdf](http://www.ville-en-mouvement.com/seminairechaire0702architecture/telechargement/conf_Ascher_rotterdam_fr.pdf) (trad. livre)







## FONTES

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASCHER, François - *Novos Princípios do Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbanos. Um Léxico*. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.
- BAEZA, Alberto Campo - *A Ideia Construída*. Casal de Cambra: Ed. Caleidoscópico, 2004.
- BENEVOLO, Leonardo - *A cidade e o arquitecto*. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BRANDÃO, Pedro - *A cidade entre desenhos, Profissões do desenho, ética e interdisciplinaridade*. Lisboa: Livros Horizonte, 2006.
- BRANDÃO, Pedro - *O Sentido da Cidade, Ensaio sobre o mito da imagem como arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte, 2011.
- CACCIARI, Massimo - *La città*. Villa Verucchio (RN): Pazzini Stampatore Editore, 2004.
- CASTELLS, Manuel - The Reconstruction of social meaning in the space of flows. In *The Informational City*. Oxford: basil Blackwell, 1989.
- CRICONIA, Alessandra; TERRANOVA, Antonio - *La qualità dell'urbano*. Roma: Meltemi editore, 2010.
- HIRSINGER, Quentin - *Materiology - The Creative Industry's Guide to Materials and Technologies*. Basel: Birkhauser, 2009.
- KLOOSTER, Thorsten - *Smart Surfaces and their Application in Architecture and Design*. Basel: Birkhauser, 2009.
- KOOLHAAS, Rem - *Três textos sobre a cidade*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2010.
- LAMAS, José M. Garcia - *Morfologia e Desenho da Cidade*. 5ª Edição. Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian, 2010.
- LERNER, Jaime - *Acupuntura Urbana*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.
- LYNCH, Kevin - *A Boa Forma da Cidade*. Lisboa: Edições 70, 2010.
- LYNCH, Kevin - *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70, 2009.
- MELA, Alfredo - *A Sociologia das Cidades*. Lisboa: Editorial Estampa, 1999.
- MERLEAU-PONTY, Maurice - *O olho e o espírito*. Col. Passagens, 9. [s.l.]: Vega, 2004.
- NEVES, Victor [et al.] *A cidade*. Coleção Sebentas d'arquitectura. Lisboa: Universidade Lusíada Editora, 2011.
- PAZZAGLINI, Marcello - *Il quartiere San Lorenzo a Roma, Storia e recupero*. Roma: Gestedil editore, 1994.
- PAZZAGLINI, Marcello - *San LOrenzo 1881-1981, Storia urbana di un quartiere popolare a Roma*. Roma: Officina edizioni, 1984.
- PETERS, Sascha - *Material Revolution, Sustainable and Multi-purpose Materials for Design and Architecture*. Basel: Birkhauser, 2011.
- PORTAS, Nuno - *A cidade como arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte, 2007.
- RODRIGUES, José Manuel [et al.] *Teoria e Crítica de Arquitectura - Século XX*. Lisboa: Ed. Caleidoscópico, 2010.
- ROSSI, Aldo - *La arquitectura de la ciudad*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2007.
- SOLA-MORALES, Ignasi de - *Territorios*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002.

### REFERÊNCIAS CINEMATOGRAFICAS

- Roma, città aperta*. Realização de Roberto Rossellini. Roma: Excelsa Film, 1945.
- Metropolis*. Realização de Fritz Lang. Berlim: Universum Film (UFA), 1927.

### REFERÊNCIAS ELECTRÓNICAS

- <http://www.zelfo-technology.com/>
- <http://www.bioplastics.basf.com/ecoflex.html>
- <http://www.coveringsetc.com/BioGlassHome.aspx?CategoryID=21>
- <http://www.seele.com/cover-en.html>
- <http://www.sattler-ag.com/sattler-web/en/products/138.htm>
- [http://www.matsui-color.com/chromicolor\\_molding/](http://www.matsui-color.com/chromicolor_molding/)
- <http://www.vivimedlabs.com/vivimed-products/reversacol-photochromic-dyes>
- <http://www.bayerfilms.com/products/makrofol/>
- <http://www.displax.com/>
- <http://epos257.cz/blog/>
- <http://artlog.com/artworks/31941>
- [http://www.ville-en-mouvement.com/seminairechaire0702architecture/telechargement/conf\\_Ascher\\_rotterdam\\_fr.pdf](http://www.ville-en-mouvement.com/seminairechaire0702architecture/telechargement/conf_Ascher_rotterdam_fr.pdf)
- <http://www.michaelhajjar.com/>